A modificação corporal no Brasil – 1980-1990

Centro Universitário FIEO

Pesquisador: Thiago Ricardo Soares

Orientadora: Professora Doutora Jussara Parada Amed

ANO: 2011

Resumo

O ser humano no decorrer de sua história interfere em seu corpo de diversas maneiras e acompanhado intrinsecamente de múltiplas justificativas. Seja como rito de passagem, como forma de expressar sua religião, penitência para purificação da alma, punição, privação, como forma de se expressar artisticamente ou por motivos puramente estéticos. Na história humana, o corpo sempre sofreu alguma espécie de manipulação.

Partindo do pressuposto de que toda cultura é construída, podemos dizer que o corpo assim também o é, e dentro dessa perspectiva, ele é uma construção que varia de acordo com o tempo e espaço em que está inserido. O respectivo trabalho de pesquisa busca compreender historicamente a "construção" do corpo através das modificações corporais – tatuagem, piercing, escarificação, implante, dentre outras técnicas - na sociedade brasileira. Focando as décadas de 80 e 90, principalmente na cidade de São Paulo, que serviu como berço para o desenvolvimento, consolidação e propagação de tais práticas. Este trabalho tem como objetivo entender como e quando a tatuagem, o piercing, a escarificação, dentre outras manipulações do corpo, "retornam" à nossa sociedade e o impacto causado por elas.
Para realização da pesquisa utilizamos como base, análises bibliográficas da arte, corpo e sociedade, enriquecido, então, com entrevistas de profissionais e entusiastas das práticas das modificações corporais. Além das entrevistas, o trabalho contará com o uso de imagens que serão coletadas durante a pesquisa. As imagens terão a finalidade de ilustrar técnicas de modificações corporais possibilitando uma maior aproximação entre o leitor e o tema pesquisado. Vale pontuar que as entrevistas foram de suma importância, justamente pela falta de produção bibliográfica nacional e de documentação específica acerca da temática.

Obtivemos alguns dados e resultados bastante interessantes, como exemplo, o contato com a rápida proliferação cultural – ainda que inicialmente dentro de nichos - da modificação do corpo em fins do século XX e uma assimilação em massa de algumas práticas no início do século XXI, como a tatuagem e o piercing por exemplo.

Concluindo, corpos que antes habitavam o espaço das sociedades tradicionais ou o mundo da ficção científica, sem nos esquecermos do universo onírico, hoje coexistem com a grande massa populacional. Chifres, escamas, línguas bipartidas, aço e ossos e todo esse quimerismo possibilitado por essas práticas é o que constitui os sujeitos que compõem o tema aqui pesquisado e são eles que estão em plena atividade endossando a construção dessa história no Brasil.

Palavras-chave: Corpo, Modificação corporal, Tatuagem, Piercing, Escarificação

Sumário

Introdução temática 07
Breve análise do corpo na história 09
Casa pré-fabricada 16
Análise da modificação corporal no Brasil – 1980-1990 50
Recepção: corpo-estranho na sociedade.....75
Mídia específica 81
Mídia Genérica 87
Apropriações culturais e falhas interpretativas 93
Bibliografia 101

Para **Sergio Soares** meu - super - pai,
que me apoiou nos momentos mais
diversos e adversos da minha vida, sempre me fazendo acreditar.
Sem dúvida alguma, o melhor amigo que um dia eu poderia ter.
Pelos nossos tão sinceros sorrisos, abraços, lágrimas, sonhos e
principalmente por toda falta que o senhor me faz.
You and me forever be.

Agradecimentos

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que foi acontecendo de forma informal há mais de uma década e que se formalizou durante a Iniciação Científica realizada em minha graduação no curso de História do Centro Universitário FIEO.

Agradeço à professora doutora **Jussara Parada Amed** por ter sempre acreditado na relevância histórica da temática do respectivo projeto e por tê-lo acolhido de forma bastante aberta. Nossas reuniões, discussões e problematizações sem dúvida alguma proporcionaram um amadurecimento evidente e que só se tornou possível pelo real envolvimento e sincronia entre orientadora e orientado.

Agradeço à professora doutora **Dora Shellard** – coordenadora do curso de História da UNIFIEO - por toda contribuição, apoio e interesse no desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos colegas de classe – 4° D, 5° E, 6° F - que sempre foram grandes incentivadores e parceiros, cujo interesse, envolvimento e participação me proporcionaram diferentes momentos de comoção. Todo meu carinho e respeito à vocês.

Agradeço aos meus amigos - cada qual a sua maneira - que fizeram com que toda a pesquisa tivesse um sentido e fundamento. E que também me deram ombros, abraços e todo o suporte necessário durante as dificuldades - que não foram poucas - encontradas no caminho.

Quero agradecer aos meus entrevistados, que muito felizmente são amigos do meu coração: **Milze Kakaua**, **Luciano Iritsu**, **Rafa Gnomo**, **Priscilla Davanzo** e **Ronaldo Sampaio**. A contribuição de vocês foi de fundamental importância.

Agradeço de forma bastante honrosa à minha mãe, pois sem o seu apoio e ajuda, nos mais amplos sentidos, nada disso seria possível. Infinitamente obrigado à todos que de forma direta ou indireta me estimularam e fizeram com que esse projeto se concretizasse.

Só nós conhecemos o caminho que trilhamos para chegar até aqui. Chegamos aqui, muito obrigado!

Introdução

"Me vejo no que vejo
Como entrar por meus olhos
Em um olho mais límpido

Me olha o que eu olho
É minha criação
Isto que vejo

Perceber é conceber
Águas e pensamentos
Sou a criatura
Do que vejo"
Octavio Paz – "Blanco" em Transblanco

O ser humano no decorrer de sua história interfere em seu corpo de diversas maneiras e acompanhado intrinsecamente de múltiplas justificativas. Seja como rito de passagem, como forma de expressar sua religião, penitência para purificação da alma, punição, privação, como forma de se expressar artisticamente ou por motivos puramente estéticos. Na história humana, o corpo sempre sofreu alguma espécie de manipulação[1].

Partindo do pressuposto de que toda cultura é construída, podemos dizer que o corpo assim também o é, dentro dessa perspectiva, ele é uma construção que varia de acordo com a cultura em que está incluso[2].

Mais precisamente em meados do século XX, um novo "ideal" de corpo foi criado. A arte atua sobre o corpo e o corpo atua como arte. O primitivo é

[1] Vem reafirmar o já clássico discurso feito por Marcel Mauss sobre o corpo em seu estudo sobre as técnicas corporais. Em seu trabalho, Mauss evidenciou que toda a sociedade - em qualquer tempo e em qualquer lugar - sempre desenvolveu modos eficazes de manipular o corpo do ser humano, em virtude de necessidades emergentes do corpo social. O corpo sempre foi alvo de manipulações físicas e simbólicas no interior das sociedades. PAIN, Maria Cristina Chimelo & STREY, Marlene Neves. Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade. *Revista Digital de Educación Física y Deportes* - Buenos Aires - Año 10 - N° 79 - Diciembre de 2004.

[2] A idéia de "construção" desenvolvida pelo sociólogo alemão Norbert Elias.

incorporado ao moderno. A pele ganha novas colorações, novos orifícios são precisamente elaborados. Silhuetas redesenhadas, línguas bipartidas. A fusão do corpo orgânico com as extensões artificiais. Ideais de corpo que outrora habitavam exclusivamente o universo de tribos primitivas ou as mentes criadoras de ficção científica, sem nos esquecermos do fabuloso mundo onírico, tornaram-se parte da realidade, ou seja, integram a sociedade. As tatuagens, piercings, escarificações e implantes também foram e estão sendo incorporados gradualmente em nossa contemporaneidade.

Ao longo do século XIX e até o início da segunda metade do século XX, esses novos "modelos" de corpo, foram marginalizados e excluídos da participação social. Somente nos fins do século XX, principalmente nos anos 80, iniciou-se uma ruptura com aquilo que era padronizado e estabelecido, somado de um forte apelo de experimentação ao novo. Assim, os novos modelos de corpo ganhavam seu respectivo espaço, ainda que causassem desconforto, estranhamento e resistência pela grande maioria da sociedade. Este trabalho de pesquisa buscou elucidar o panorama da modificação corporal no Brasil, utilizando as décadas de 80 e 90 para fundamentação do trabalho. Todavia, objetivamos desenvolver uma pesquisa e análise da representação do corpo na história, para que assim, possamos visualizar quais as referências e heranças que estão incluídas dentro das práticas das modificações corporais contemporâneas. Buscaremos também discutir os efeitos que tais transformações causam dentro de uma sociedade "ocidental branca" e capitalista, fundamentada majoritariamente por preceitos judaico-cristãos e heterossexuais.

Para realização da pesquisa utilizamos como base, análises bibliográficas da arte, corpo e sociedade enriquecida, com entrevistas de profissionais e entusiastas das práticas das modificações corporais. Além das entrevistas, o respectivo trabalho conta com o uso de imagens que foram coletadas durante a pesquisa. As imagens tem a finalidade de ilustrar técnicas de modificações corporais e possibilitar uma maior aproximação entre o leitor e o tema pesquisado. Vale pontuar que as entrevistas foram de suma importância, justamente pela falta de produção bibliográfica nacional e de documentação específica acerca da temática.

Breve análise do corpo na história

"O corpo é também educado pela comida, pelas religiões, pela mídia, pelas diferentes práticas convencionadas como mais ou menos adequadas para que dele se "cuide". Falar de uma educação do corpo, portanto, é falar de um lento processo civilizatório, da lenta e complexa mudança de sensibilidade, da tolerância ou intolerância por atitudes e práticas humanas, de uma consideração cada vez mais eloqüente que confere ao corpo uma importância sempre mais alargada. Ele é o texto que revela trechos bem marcados da história de uma dada sociedade."

Marcel Mauss

A respectiva pesquisa não pretende levantar todas as reflexões oriundas de uma discussão sobre o corpo na história, uma vez que nosso objetivo é entender os processos referentes às práticas "modernas" da modificação corporal, como a tatuagem, o piercing, a escarificação, o implante, dentre outras que iremos apresentar adiante. Todavia, se faz necessário pontuar alguns itens chaves de qualquer pesquisa que se dispõe a estudar o corpo. Pois assim como coloca Michel de Certeau, ao afirmar que cada "*sociedade tem seu corpo, assim como ela tem sua língua*"[3], podemos dizer que cada sociedade tem a sua história do corpo e que principalmente, este é objeto da história como afirma Denise Bernuzzi de Sant'Anna na introdução do livro *Políticas do Corpo*:

"*Memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, o corpo não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo." (*SANT'ANNA, 1995, p. 12)

Para iniciar o debate, nos utilizamos do historiador francês Marc Bloch, pois se durante séculos o corpo foi despojado de uma história - como denunciava o historiador -, ainda hoje há muito o que ser discutido no que concerne os processos corporais nas sociedades. Vale citar, que antes do movimento historiográfico denominado *Annales* (1929), tínhamos uma "história

[3] CERTEAU, Michel de. Histoires du corps, Esprit, n° 62, fevereiro 1982, p.180.

tradicional" que de fato era "desencarnada", como afirmam os historiadores Jacques Le Goff e Nicolas Truong em *Uma história do corpo na idade médi*a. O que quer dizer, que mesmo que estivessem produzindo a história vista de cima para baixo, ou seja, dos grandes homens, sob a perspectiva dos vencedores, "*seus corpos não passavam de símbolos*".

A única exceção desse movimento histórico tradicionalista do século XIX foi o historiador francês Jules Michelet, que segundo Roland Barthes nutria grande sensibilidade às manifestações do corpo e ao sangue em particular, e afirma:

> *"O corpo inteiro de Michelet torna-se produto de sua própria criação, e estabele-se uma espécie de simbiose surpreendente entre historiador e História".*[4]

Michelet – em meio às suas dores de "cabeças históricas" - segundo Le Goff, já sugeria um possível esquecimento da história do corpo. Onde caberia a justificativa de que dado "esquecimento" do corpo na disciplina histórica, se daria pelo fato de entende-lo como objeto da natureza e não pertencente à cultura.[5]

Para a historiadora Denise Sant'Anna o corpo "*pertence menos à natureza do que à história*", uma vez que ele é o resultado "*provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos*". O que também nos remete a discussão do antropólogo francês David Le Breton no livro *Adeus ao Corpo,* sobre a construção do corpo através da ciência, que propõe um embate entre natureza e *environment*. E ainda, podemos estender a respectiva reflexão ao que Norbert Elias nos colocou sobre a "naturalidade" das coisas, ou seja, o que pensamos ser natural, se trata mais especificamente de uma construção cultural. Se tratando das ações no corpo e do corpo na sociedade, é correto afirmar que nada é natural. É inquestionável que precisamos comer e consequentemente evacuar, mas a forma com a qual executamos as respectivas ações, demonstram por si só a construção cultural a qual Elias nos propôs.

---

[4] BARTHES, Roland. Michelet. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

[5] LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. Uma história do corpo na Idade Média, p. 16.

"Arrotar, escarrar, urinar e defecar em qualquer lugar e hora não foram sempre consideradas ações que expressam comportamentos não civilizados e próprios de pessoas "mal educadas". A cultura material é pródiga em objetos requintados destinados a essas funções orgânicas, como escarradeiras e penicos de porcelana, prata e outros materiais nobres. Havia um certa "naturalidade" nessas ações, mais tarde combatidas e tornadas restritas ao âmbito não só do privado, mas do individual."
(ELIAS *apud* LE GOFF, 2006, p.21)

E que Marcel Mauss em sua obra *Les Techniques du Corp* em 1934 endossou ao mencionar que "a *noção de que deitar-se na cama é algo natural é totalmente inexata."*

Partindo do pressuposto que o corpo carrega e expressa informações sobre a cultura em que está inserido, o filósofo Michel Foucault afirma que "*cada época elabora sua retórica corporal*", a questão que se levanta é: como tem sido a relação corporal dos seres humanos no espaço e tempo? E ainda, o que vem sendo "arrastado" secularmente dentro do contexto das manipulações corporais a qual nos propusemos a pesquisar? A resposta que melhor caberia aqui, antes de qualquer outra, é a de que se faz necessário ter consciência que o corpo tem uma história e que por sua vez, está em constante processo.

"A concepção do corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais sofreram modificações em todas as sociedades históricas." [6]

O que percebemos de antemão, seja com os *Annales* ou até mesmo com antropólogos, filósofos e historiadores contemporâneos, é que quando pensamos o corpo como objeto histórico, concluímos que há uma forte ligação aos conceitos corporais medievos, ou seja, a "tensão, esse vaivém, essa oscilação entre a repressão e a exaltação, a humilhação e a veneração"[7] do corpo ocidental, judaico-cristão:

"Muitas de nossas mentalidades e muitos de nossos comportamentos foram concebidos na Idade Média. Isto é válido também para as atitudes em relação ao

[6] LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas, op. cit., p. 10.

[7] Ibidem, p. 13.

corpo, ainda que as duas reviravoltas principais tenham ocorrido no século XIX (com o ressurgimento do esporte) e no século XX (no domínio da sexualidade). É de fato na Idade Média que se instala esse elemento fundamental de nossa identidade coletiva que é o cristianismo, atormentado pela questão do corpo, ao mesmo tempo glorificado e reprimido, exaltado e rechaçado."[8]

Uma outra tensão que foi levantada pelos autores e mobilizou diversos intelectuais foi a dicotomia do corpo trabalhado durante os séculos passados, marcado principalmente, à partir de René Descartes. O conceito de "corpo cartesiano", ou seja, a separação entre corpo e alma gerou longos debates na história, assim como em outros campos dos saberes.

"Nosso corpo somos nós. É nossa única realidade perceptível. Não se opõe à nossa inteligência, sentimentos, alma. Ele os inclui e dá-lhes abrigo. Por isso tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro... pois corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, representam não a dualidade do ser, mas sua unidade."[9]

Como nos propõe a fisioterapeuta francesa e criadora da antiginástica, Thérèse Bertherat, é preciso pensar o corpo como unidade, pois toda a construção ideológica de uma possível dualidade não se sustenta cientificamente, além de estar suscetível às falácias.

A dualidade corporal, sobretudo vem sendo negada por diversos pensadores do corpo, principalmente na contemporaneidade, como a exemplo da autora citada e do antropólogo francês David Le Breton.

Mas o que nos mostra as tensões entre "corpo e alma" na Idade Média? Elas nos mostram que se de um lado há uma repressão física:

"No limiar da Idade Média, o papa Gregório, o grande, qualifica o corpo de "abominável vestimenta da alma."[10]

---

[8] LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas, op. cit., p. 29.

[9] BERTHERAT, Thérèse; BERNSTEIN, Carol. O corpo tem suas razões. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 03.

[10] Ibidem, p. 11.

De outro será exaltado, principalmente por meio do corpo padecente e sacro de Cristo. *"O corpo é o tabernáculo do Espírito Santo"* diz o apóstolo Paulo.

Se há uma tensão entre corpo e alma, tão logo, existe uma relação e esta será dinâmica e dialética, como coloca Le Goff, e não antagônica. Vale pontuar que a separação radical entre corpo e alma se dá na razão clássica do século XVII, através de Descartes, como citamos anteriormente, e não na Idade Média.

Mas se temos na história um período de grande renúncia ao corpo, este foi iniciado no período medieval.

> *"Mulher diabolizada; sexualidade controlada; trabalho manual depreciado; homossexualidade no princípio condenada, depois tolerada e enfim banida; riso e gesticulação reprovados; máscaras, maquiagem e travestimentos condenados; luxúria e gula associados...."*[11]

Portanto, o culto ao corpo da Antiguidade foi substituído por um aprisionamento do corpo medievo. A igreja erigiu um forte sistema de controle do corpo, logo, social e cultural. No século XIII o calendário alimentar restringiu a alimentação dos fiéis, sendo este um dos itens do aparato de controle.

> *"Por meio do controle de gestos, a igreja impõe ao corpo um policiamento no espaço e, por meio dos calendários de proibições, lhe impõe um policiamento no tempo.".*[12]

A própria construção social contemporânea com a nudez relacionada ao pecado, do sangue dos homens ser impuro em contraste ao sangue sacro de Cristo, e com o corpo que não se toca, por nossa percepção corporal estar "normatizada em códigos de distanciamento", como reflete Célia Maria

---

[11] LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas, op. cit., p. 37.

[12] Ibidem, p. 38

Antonacci no livro *Teorias da Tatuagem*[13], denuncia fortemente as marcas das concepções medievas (re)colocadas em "nosso tempo". E o tocar que aqui nos referimos pode receber uma dupla conotação, seja como toque tátil ou do toque que macula ou que cria máculas no corpo.

O tocar - em ambos os sentidos -, estará indissociavelmente presente dentro do recorte que nos propusemos a pesquisar, que foi justamente as interferências e manipulações no corpo na contemporaneidade e, talvez isso, a *priori* responda uma das causas pelo qual o corpo modificado cause tanto estranhamento na sociedade, pois "um corpo tatuado", perfurado, talhado, cortado, marcado, costurado é por sua vez "*um corpo tocado, inscrito, transformado. Transformar é mudar a forma e mudar a forma é metamorfosear-se*" como afirma Célia Maria Antonacci. No limite é perder contato imediato com a "imagem e semelhança de Deus".

Se afirmamos acima que o corpo sempre sofreu manipulações e a pesquisa nos mostrou que marcar o corpo é uma ação que sempre esteve presente em toda a história humana, fica arbitrário falar em "resgate" das práticas que pesquisamos, uma vez que elas nunca estiveram à deriva, presas ou inteiramente silenciadas. Muito pelo contrário, a manipulação do corpo sempre esteve presente e livremente metamorfoseando-se como técnica e como prática cultural, ou seja, política e social ao longo da história. Ainda assim, é possível ir de encontro com a idéia de Célia Maria Antonacci e afirmar de que na contemporaneidade a prática de alterar o corpo vai inclusive acontecer *"como forma de exclusão étnica sociocultural, como nos campos nazistas"*, ou pensando o Brasil, o rechaçar contra os próprios índios e escravos. Proposição que vai de encontro com a interrogação levantada por Michel Foucault sobre como *"o corpo é diretamente mergulhado em um campo político*" e ainda sobre *"o lugar do corpo no quadro de um biopoder".* Assim sendo, o filósofo francês escreve sobre o corpo que *"as relações de poder operam nele uma apreensão imediata: elas cercam-no, marcam-no, educam-no, supliciam-no, submetem-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem dele sinais"*. Todavia, e dando seguimento a linha de raciocínio da pesquisadora, as marcas corporais também acontecem "como agregação ou

[13] Tese de Doutorado da autora divida em duas partes "Teoria da Tatuagem" e "Tatuagem no campo de concentração".

individualização, ornamentação", ou seja, também expressam sinais. Tal afirmação criou laços com o cerne de nossa pesquisa, se num momento no tempo as marcas corporais foram impostas de forma não consensual, marginalizadas e proibidas, na segunda metade do século XX elas ganham novas significações na sociedade e é justamente isso que buscaremos problematizar nos capítulos adiante.

Casa pré-fabricada

"E a minha casa, aquela que eu tinha vindo procurar em Paris e que pensava não ter achado? Será que eu acabava de tê-la encontrado? A primeira casa da minha vida não seria, por acaso, meu próprio corpo?"

Thérèse Bertherat.

Partindo do pressuposto de que o corpo é a nossa primeira casa – idéia que alguns autores vão trabalhar, como a exemplo de Thérèse – é que iniciamos a nossa introdução sobre o objeto pesquisado: o corpo modificado. Quando pensamos o corpo em si, poderíamos inclusive denominá-lo como sendo uma "casa pré-fabricada", pois assim como a cultura é uma construção dos seres humanos – como vimos anteriormente -, sendo possível afirmar que não linear e variável temporal e espacialmente, o corpo também o é.

"Por meio dos manuais de civilidade, de que é exemplo o de Erasmo, no século XVI, Elias mostra, por sua vez, que essas funções corporais ditas naturais são culturais, isto é, históricas e sociais."

(LE GOFF, 2006 , p. 21.)

A idéia de casa é um bom exemplo para discutirmos o corpo, no sentido de pensarmos em habitá-lo como um todo, o que já se opõe ao pressuposto de corpo cartesiano. Trabalharmos na perspectiva de "casa pré-fabricada" é no limite nos remeter a idéia de corpo como objeto de constante construção e desconstrução, pois como pontua a historiadora Denise Sant'Anna o "*corpo é, ele próprio, um processo*." Para os praticantes e profissionais da modificação corporal contemporânea, sem dúvida o corpo está em constante processo ou é um incessante *work- in- progress*[14].

Um dos objetivos de nossa pesquisa está em entender se há uma herança das práticas de modificação corporal brasileira, das chamadas sociedade tribais e primitivas, aplicadas na contemporaneidade. Utilizando como recorte temporal as décadas de 1980 e 1990, período que teremos uma incidência de maneira "mais aberta" e em vias de profundas transformações

[14] Livre tradução: Trabalho em progresso.

como veremos adiante. Partindo da premissa que refletir sobre as respectivas práticas "exóticas", "estranhas" é levantar uma reflexão sobre toda a construção cultural ocidental contemporânea.

"Desse modo, não se trata de realizar uma listagem das maneiras supostamente exóticas de lidar com o corpo em outras épocas, mas sim de tornar questionáveis os gestos e as atitudes que ontem e hoje nos parecem familiares ou não."[15]

Centrando nossa discussão em uma possível construção do corpo através de elementos da modificação corporal, mais precisamente em técnicas "primitivas" - como a escarificação, a tatuagem, o piercing, entre outras -, se torna interessante perceber que a manipulação do corpo acompanha toda a nossa história e que ela vai se adaptando "tempo-espacialmente", ganhando novas roupagens e sobrevivendo secularmente.

O Brasil tem uma riqueza e papel fundamental na história das modificações corporais, inicialmente através das populações indígenas e posteriormente com a escravidão africana. Inclusive, e aqui pensando exclusivamente os índios no pós período colonial, essas populações que sobreviveram serão estigmatizadas duplamente, primeiramente por serem indígenas e consequentemente por carregarem marcas corporais[16].

O português Pero Vaz de Caminha em seu primeiro contato com o que seria o Brasil, descreveu o estranhamento causado pelas modificações corporais dos índios:

"Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço; e a parte que lhes fica entre o beiço e os dentes é feita como roque de xadrês, ali

---

[15] SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Políticas do Corpo, Elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1995.

[16] PASCHOAL, Guto. A tatuagem dos índios brasileiros. Revista Tatuagem, Arte & Comportamento, ano I, n° 4, São Paulo, 1999, p. 06-09.

encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber."[17]

A réplica deste discurso será feita por diversos viajantes europeus que passaram por aqui até meados do século XIX, recebendo um caráter de atraso e reforçando a idéia do selvagem. Tratando especificamente a tatuagem, ela por muito tempo foi associada à "primitividade" de forma pejorativa e quase sempre representando um atraso daqueles que as tinham. Como pontua Breton:

> "Para Lombroso ou Lacassagne, nos anos da virada do século XIX para o XX, não havia dúvida de que os indivíduos tatuados fossem "selvagens", ou seja, aos seus olhos, homens menores, pouco civilizados e propensos a todas as formas de delinquência."[18]

Se durante algum tempo as marcas corporais foram vistas como sinais de uma sociedade que não conheceu o desenvolvimento, contudo ela não demorou a alcançar os corpos dos europeus. Com os avanços das navegações e o intercâmbio sócio-cultural vem à tona que as modificações corporais estão acontecendo pelo mundo em diversas sociedades, que até então não tinham nenhuma relação, se transformando temporalmente e chegando aos dias de hoje.

Antes de discutirmos as práticas na contemporaneidade, cabe fazermos uma breve apresentação exata das técnicas as que nos referenciamos quando falamos de marcas corporais, modificação corporal, *body modification* ou *body mod*.

Vale citar que cada técnica em si tem um histórico muito vasto e seria por si só um profundo campo de pesquisa, por isso nos propusemos a fazer breves introduções. Cientes de que não sustentamos todos os conhecimentos sobre cada técnica, ao mesmo tempo sabendo que se fazem suficientes para contextualizar o leitor.

---

[17] CAMINHA, Pero Vaz de. A Carta. São Paulo, Editora Martin Claret, São Paulo, 2002.

[18] LE BRETON, David. Adeus ao corpo. São Paulo, Papirus, 2003, p. 35.

Tatuagem

"Esses riscos nas peles dos homens e das mulheres dizem as suas aspirações, as suas horas de ócio e a fantasia da sua arte e a crença na eternidade dos sentimentos – são a exteriorização da alma de quem os traz."

João do Rio

Figura 1: Tatuagem realizada pelo profissional André Cruz em São Paulo.

A tatuagem é um procedimento no qual um pigmento, normalmente tinta, é permanentemente colocado na pele. Como define Célia Maria Antonacci a tatuagem é a *"marca registrada no corpo intencionalmente, a partir dos métodos de furar a pele para inserir pigmentos e formar arabescos, imagens ou números"*.

Historicamente não há uma exatidão espaço-temporal de quando a tatuagem se iniciou. Todavia, a jornalista norte-americana, Victoria Lautman, registrou em seu livro *The new tattoo,* que em 1991 um caçador descobriu na Similaun Glacier, nos Alpes italianos, um cadáver de cinco mil e trezentos anos - conhecido então como "homem de gelo", Ötzi - "*com inscrições tatuadas nas costas e na parte traseira dos joelhos"*. Além disso, há registros que no Egito antigo a prática da tatuagem também existia, como a exemplo da múmia de Amunet, datada no período entre 2200 e 2000 antes de Cristo.

As marcas corporais que entendemos hoje como tatuagem, vão receber esse nome apenas no século XVIII, através do diário do capitão inglês James Cook (1728-1779). Segundo a também jornalista Leusa Araujo no livro

Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo, "*foi ele o primeiro ocidental a ouvir tattoow (tatau)*", palavra utilizada pelos nativos do Taiti para a arte de pintar o corpo de modo que não saísse mais da pele. O jornalista Toni Marques que realizou uma extensa pesquisa sobre a tatuagem no Brasil vai dizer que:

> *"Os taitianos usavam uma espécie de pequeno ancinho de jardinagem, feito de cabo de madeira e um pente de osso humano que serrilhavam na borda para que ficasse dentada. Sobre o ancinho batiam com um pedaço de pau. Repetidos golpes de martelo no topo do ancinho produziam o tatau, que os nativos usavam para designar a ação. A raiz da palavra, ta, significa golpear, bater."*[19]

O diário do capitão inglês James Cook também revela para a Europa a tatuagem Maori, da Nova Zelândia. Eram desenhos espirais e profundos na pele, quanto mais nobres, mais espirais cobriam o rosto deste povo. No século XIX na Europa, as cabeças tatuadas dos Maoris se tornaram objeto de tráfico entre colecionadores de objetos exóticos. Tanto que foi preciso forjar cabeças tatuadas para atender o "mercado" existente.

> *"Muitas tribos guerreavam sem motivo, somente para conseguir o troféu. Em alguns casos, quando as outras tribos não eram tatuadas, as pessoas eram capturadas para fazer a tatuagem, preparando-as para a venda. Os escravos que não tinham o direito de se tatuar, pois era um costume exclusivo dos guerreiros, também ganhavam as tatuagens para manter a negociação."*[20]

.

Se o ato de marcar o corpo nunca era visto com bons olhos na sociedade ocidental, podemos dizer que foi no século XIX que aconteceu uma construção leviana acerca da tatuagem. Se de um lado colecionadores pagavam fortunas por uma cabeça maori, de outro tivemos inúmeras histórias de brancos que foram capturados e tatuados à força por nativos. A exemplo, o grego Capitão Constantino, cujo corpo exibia 388 imagens de

---

[19] MARQUES, Toni Marques. O Brasil tatuado e outros mundos, p. 41-42.

[20] PASCHOAL, Guto. A Tattoo Maori da Nova Zelândia. Revista, Tatuagem Arte & Comportamento, ano II, nº 13, São Paulo, 2001, p. 8-11.

animais fantásticos, e John Hayes, que tinha estampado 780 desenhos em seu corpo[21]. Caso curioso de John Hayes, que ao fim e ao cabo descobrem que na verdade ele havia sido tatuado pelo americano Samuel O'Reilly, que em 1891 desenvolveu a primeira máquina elétrica de fazer tatuagem, o tatuógrafo. Se faz necessário nos atentarmos a essa construção sobre o "nativo selvagem e bárbaro", pois foi um imaginário que perpetuou em jornais, livros e no cinema até meados do século XX (ainda hoje temos algumas incidências), a exemplo dos filmes de faroeste. Em 1970 o longa metragem *Um homem chamado cavalo* do diretor Elliot Silverstein, vai nos trazer justamente esse embate entre o homem branco, John Morgan, e a "selvagem" tribo Sioux. Citamos este filme, pois além da tensão "branco" e "selvagem", ele nos traz o choque de culturas, que já mencionamos em relação ao índio estigmatizado no Brasil.

Se a história nos mostra o corpo "marcado" pela oscilação entre a repressão e a exaltação, humilhação e veneração, ainda no século XIX veremos claramente sinais dessa "tensão" através da tatuagem. Corpos de homens e mulheres inteiramente coberto por imagens vão dividir espaço nos circos com anões, gigantes, bezerros com cinco patas e com todos aqueles ou tudo aquilo que era entendido e considerado fora do normal, em espetáculos denominados como "*Freakshow*[22]". Um bom exemplo de como funcionavam esses circos e de como a sociedade lidava com aquilo que era "diferente" está no filme *The Elephant man* (1980), dirigido por David Lynch e que citaremos em outros momentos deste trabalho. Assim como no filme "*Freaks*" (1932) dirigido por Tod Browning, que por trazer um elenco com deformações físicas – há no máximo cinco atores "sem necessidades especiais" - e causa horror na sociedade inglesa, foi banido por 30 anos e redescoberto por festivais amadores apenas na década de 60.

"Atroz e fascinante obra-prima, pela primeira vez no écran um realizador ousava dirigir nada menos que fenômenos de feira, em carne e osso: a mulher-aranha, o homem-tronco, as irmãs siamesas, anões e restante galeria de

[21] ARAUJO, Leusa. Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 44.

[22] Os chamados *Show de Horrores*, bastante comuns nos EUA no século XIX.

pequenos monstros. E, no entanto, nesse assombroso filme os monstros são outros... a bela Cleopatra e o atlético Hercules, imagens da força e da beleza, personagens "normais", mas de comportamento repugnante."[23]

Hoje *Freaks* é considerado um clássico do cinema mundial, todavia, a discussão imbuída na película sobre "normais" e "anormais" se faz tão presente quanto foi na década de 30.

Seguindo com a nossa análise sobre os circos, cabe aqui mencionar, que as tatuagens não eram exclusivas do universo masculino, inclusive, o surgimento de mulheres com a pele colorida, dava um ar de graça ao hostil espaço do circo.

> *"Com a entrada das mulheres tatuadas nos espetáculos de circo, o show das aberrações dá lugar à beleza. Geralmente casadas com tatuadores elas encantam mais do que chocam".*[24]

Pensando a tatuagem no Brasil, teremos um relato bastante interessante sobre a prática da tatuagem no início do século XX, através do João do Rio no livro *A alma encantadora das ruas*. O cronista vai relatar os procedimentos de execução da tatuagem, que podiam ser *"por picadas, incisão, por queimaduras subepidérmica."* Vale pontuar que na contemporaneidade o procedimento por incisão receberá o nome de escarificação, enquanto que, o realizado através de queimadura, como sendo uma outra vertente do ato de escarificar o corpo, denominado *branding.*

---

[23] ROMER, Jean-Claude *apud* BORGES, Pedro (29 de maio de 1984). Tod Browning: "Freaks", o circo e o fantástico. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*.

[24] ARAUJO, Leusa. Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 49.

Escarificação

"As cicatrizes formam os desenhos que contam e eternizam acontecimentos importantes da vida de cada um. Os círculos e as espirais simbolizam o sol e a lua, fontes de vida e esperança. Uma linha dupla ondulada simboliza o coração, motor da vida e do conhecimento. As marcas ao redor do umbigo lembram a relação direta do homem com seus ancestrais e sua responsabilidade com as gerações futuras."

Célia Maria Antonacci Ramos

A escarificação é uma forma de modificação corporal que produz marcas no corpo, desenhos e números como exemplo, com base na criação de cicatrizes. Assim como a tatuagem, não existe uma idéia exata de quando e onde se começam essas práticas, mas indícios históricos nos remetem às primeiras sociedades humanas.

Uma das possíveis teorias sobre o surgimento da escarificação está na que nos povos de pele escura a introdução intradérmica de tinta não era tão eficiente como em povos de pele clara. Assim, o professor de História da Arte, Frances Borel, em seu livro *Le Vêtement Incarné*, afirma que esses povos de pele escura vão desenvolver uma técnica de marcação – "tatuagem" – com base em incisões de materiais pontiagudos – bastão, espinho, conchas, cacos de vidro, dentes de animais - e a respectiva inflamação voluntária das mesmas, através da aplicação de farinha, terra, folha de pimenta, óleo de dendê, fragmentos de bambu. *"Quando a cicatrização acontece, deixa marcas-quelóides bem visíveis, consideradas por muitos antropólogos como escarificações"* aponta Célia Maria Antonacci.

Essas marcas corporais recebiam um atributo de *status* social, quanto mais cicatrizes um indivíduo carregar, maior o seu respeito em sua tribo, "a operação é bastante dolorosa e arriscada" coloca Borel e são responsáveis por expressar sua etnia e acontecimentos de vida.

Pra essas sociedades a escarificação estava presente desde a nascença de um indivíduo e vai acompanhá-lo em toda sua vida, como parte indissociável desta.

A pesquisadora Stefan Eisenhofer em seu livro *La Peinture Corporel* nos trouxe um dado bastante significativo ao dizer que essas marcas corporais também ocorriam seguindo prescrições medicinais. Assim, endossando a fala de Eisenhofer, vamos ver uma situação análoga na fala de Célia Maria Antonacci:

> *"Em minha visita ao Senegal, em outubro de 2000, verifiquei a existência de muitas dessas incisões com fins medicamentosos ou profiláticos praticadas por algumas das etnias locais. Por exemplo, duas incisões laterais dos olhos determinam uma melhor visão; cortes frontais aliviam dores de cabeça; pequenos talhos em partes específicas do corpo aliviam dores locais."*[25]

A autora menciona na sequência, o caso colocado por Borel que fala dos Chibuks, na Nigéria:

> *"Para prevenir o bebê das doenças, eles fazem três pequenas incisões sobre a fonte do bebê ao completar dois meses. Nesses casos as incisões são mágico-profiláticas (...) Não são símbolos, mas tão-somente uma cicatriz profilática que, com a idade, pode até mesmo diminuir ou desaparecer"*[26]

A questão da escarificação com fins terapêuticos nos leva a refletir sobre uma situação bastante comum em nossa sociedade, que é a produção de cicatriz no braço pela aplicação da Vacina BCG[27], indicada logo para o primeiro mês de vida de um indivíduo. Sinal que ainda que haja uma variação espaço-temporal, algumas ações do homem serão bastante similares.

Falando especificamente sobre a escarificação dentro do contexto temático pesquisado, vimos que ela abre um leque de possibilidades práticas. A variedade vai surgir como forma de conseguir diferentes tipos de

---

[25] RAMOS, Célia Maria Antonacci. Teorias da Tatuagem. Santa Catarina: Udesc Editora, 2001, p. 33.

[26] Ibidem, p. 33-34.

[27] Bacille Calmette-Guérin (BCG) ou vacina contra a tuberculose é uma vacina obtida através da bactéria *Mycobacterium bovis*, em estado atenuado.

cicatrizes, mais altas ou baixas, coloridas ou descoloridas, precisas ou indefinidas.

O site canadense BMEzine.com aponta que a prática pode ser encontrada em quase todas as culturas tribais e que na sociedade ocidental ela ganhou visibilidade através da *body art* e no meio S&M[28]. Com o crescimento da "comunidade" de pessoas que se modificam a escarificação ganhou um caráter, em sua maioria, estético. Todavia, assim como nas sociedades tradicionais, ela pode ter um caráter ritual, religioso, profilático e sentimental.

A escarificação, como a conhecemos hoje, está inserida no Brasil há aproximadamente precoces 10 anos. Fato curioso é que os primeiros artistas da escarificação nacionais não atuam mais no ramo, o que dificulta bastante o nosso entendimento de como tudo exatamente começou e aconteceu por aqui. Sabemos que os primeiros "escarificadores" e/ou profissionais da escarificação, são até hoje citados como grande referencial pelos que ainda atuam no território nacional.

Dentre os profissionais que começaram com a escarificação no Brasil, temos o André Fernandes[29], que se destacou tanto nacional quanto internacionalmente, sendo referência para muitos profissionais da *body modification* até hoje. Não podemos afirmar que existe um cenário ou mercado nacional forte para escarificação, são alguns poucos bons profissionais que se dividem pelos estados brasileiros. Visando o cenário da escarificação e da *body mod* como um todo, Danilo Skatuaba e Luciano Iritsu desenvolveram em 2006 a *Conscar*, utilizando como referência e base a *Scar Wars*, evento voltado exclusivamente para a escarificação e que acontece nos Estados Unidos, sempre reunindo os melhores artistas da escarificação do mundo. Eis alguns dos nomes mais importantes da cena mundial Lukas Zpira, Steve Haworth, Ryan Ouellette,

---

[28] Sado-masoquista.

[29] Foi unânime durante as entrevistas a citação do nome de André Fernandes como precursor da escarificação no Brasil. O artigo sobre a respectiva técnica no *website* FRRRKguys.com também colaborou com essa afirmação. Disponível em http://frrrkguys.com/escarificacao/. Acesso em: 15 Outubro 2010.

Brian Decker, Blair, Jesse Villemaire, Ron Garza, Dave Gillstrap, Wayde Dunn, Rata, dentre outros.[30]

Mas quando nos referimos a escarificação, devemos pensar nas variadas possibilidades técnicas que a prática permite. Trataremos sobre as principais, que estão citadas na *encyclopedia* do website BMEzine.com:

- Branding é a escarificação produzida através da queimadura (geralmente em 2° grau) da pele. As formas para realização são variáveis, podendo ser por *strike branding*[31], e mais recentemente por eletrocauterizador e laser.

A cicatrização leva um certo tempo – entre um e dois meses -, variando de pessoa para pessoa. Igualmente variável são os conceitos para os cuidados pós-procedimento. O BME aponta duas escolas principais, a primeira onde os profissionais irão defender que o melhor método é o "LITHA"[32]. Enquanto que a segunda, vai defender a idéia que o melhor a ser feito é irritar a pele, com esponja de banho ou escova de dentes, químicos e até fórmulas esfoliantes. No Brasil houve a circulação de casos de pessoas que preparavam uma mistura envolvendo vinagre, urina, entre outras substâncias, para colaborar na irritação, conforme depoimentos obtidos nas entrevistas.

Historicamente o *branding* foi bastante usado durante o período ocidental da escravidão africana, quando o negro foi coisificado. Muitos países adotaram marcar seus escravos com ferro quente com as iniciais de seus respectivos donos, como forma de identificação em caso de fuga[33]. Caso o escravo fosse vendido, seria então queimado o nome do novo senhor.

Não podemos deixar de mencionar os casos de punições. Na França o *Cógido Noir* (Código Negro) de Jean-Baptiste Colbert promulgado em

---

[30] Dados obtidos nas entrevistas e segundo matéria disponível *online.* Disponível em http://frrrkguys.com/escarificacao/. Acesso em: 15 Outubro 2010.

[31] Utiliza-se uma ou algumas peças de metal aquecidas. Normalmente são peças pequenas para melhor concentração do calor.

[32] Sigla para "*leave it hell alone*", ou seja, o próprio corpo cuidará do branding.

[33] Célia Maria Antonacci, pag 40 e 41.

1685 durante o reinado de Luís XIV, determinava que o escravo fugitivo fosse marcado a ferro quente com uma flor-de-lis e tivesse uma orelha cortada. Em casos reincidentes, uma nova flor era queimada ao corpo do escravo e somado com o corte do tendão de Aquiles. Como sabemos e aponta Célia Maria Antonacci Ramos, esse método foi adotado por diversos outros países, entre eles Alemanha, Suécia, Holanda, Espanha, Estados Unidos e sabidamente, o Brasil.

O ferro quente durante o reinado de Luís XIV, na França, era usado para marcar a discriminação sexual, as prostitutas eram queimadas também com uma flor-de-lis no peito. Se o *branding* foi utilizado por séculos de forma não consensual, totalitária e discriminatória, desde o começo dos anos 90 do século XX ele passou a ser uma prática de modificação do corpo bastante comum.

Dentro do contexto contemporâneo a prática chegou ao Brasil através de André Meyer em fins dos anos 90.[34]

Figura 2: Branding realizado pelo profissional Andre Meyer em São Paulo, 2002 (lado esquerdo) e 2005 (lado direito).

- Cutting é sem dúvida alguma o tipo mais comum de escarificação, pela precisão e segurança que a mesma oferece. O *cutting* consiste na realização de cortes criando figuras pré-definidas através da utilização de

[34] Disponível em http://www.piercing.art.br/. Acesso em: 15 Outubro 2010.

lâmina cirúrgica ou bisturi. A dor é comparada a de uma tatuagem, alguns afirmam que a dor é até menor.

João do Rio, jornalista carioca, descreve a prática no Brasil no começo do século XX, provavelmente foi uma das técnicas de maior incidência na cena brasileira da modificação do corpo.

Figura 3: Escarificação com bisturi realizada pelo profissional Luciano Iritsu em São Paulo.

- Chemical constitui basicamente na utilização de um agente químico para a produção de escarificações. Alguns exemplos sugeridos pelo BME são os ácidos clorídrico e o sulfúrico. O procedimento pede que primeiramente se faça o desenho com o uso de bisturi e depois tenha a aplicação de químico, que deve ser meticulosamente estudado antes de aplicado ao corpo. Hidróxido de sódio, soda cáustica, ou hidróxido de potássio nunca devem ser utilizados, apesar de ter sido mostrado no filme *Clube da Luta* (1999) quando o personagem Tyler Durden impõe ao personagem Jack uma queimadura química, atirando soda caustica em sua mão:

"Me dê sua mão, por favor. Isso é uma queimadura química. Dói mais do que qualquer outra, e vai deixar cicatriz. Não afaste a mão, não agora. Os primeiros sabões foram feitos com cinzas de heróis. Sem dor ou sacrifício, não teríamos alcançado nada"

Tyler Durden – Clube da Luta, 1999.

A questão da dor colocada por Durden vai de encontro com o site BME, que aponta a escarificação química como uma das mais dolorosas modificações possíveis.
No Brasil a prática nunca encontrou um grande número de adeptos e algumas experiências foram narradas em 2002 no *website* Neoarte.net.

- *Cold branding* é uma técnica que um pequeno número de pessoas experimentaram no exterior e no Brasil não há registros de praticantes. Muitos fazendeiros vão utilizar a técnica para marcar gados. O procedimento é similar ao *strike branding*, o aço é imerso numa solução de líquido de nitrogênio ou alguma outra substância similar, e então, pressionado contra a pele. O tempo de exposição ao material vai variar de acordo com a espessura da pele aplicada. Em cavalos e bois, normalmente entre trinta segundos a um minuto de aplicação por *strike*, em humanos menos que isso.

Mesmo que não tenhamos registros documentais de incidência da prática no Brasil, se faz importante mencioná-la, como outra possibilidade existente no meio.

- Dremel[35]**,** também como conhecida como "escarificação abrasiva", utiliza-se normalmente uma ferramenta de rotação para "lixar" a pele e gerar cicatrizes. Se todas as técnicas existentes pedem cuidado, esta exige até mais, por conta do alto nível de perigo em contaminação. Não há registros de praticantes no Brasil, apesar da precisão possibilitada pela técnica.

- *Injection* é uma técnica bastante presente no corpo dos brasileiros do século XX, principalmente após a década de 50, através da vacina BCG. Ainda que não esteja dentro da perspectiva do grupo praticante da modificação corporal, nos faz refletir sobre as interferências que o corpo sempre foi submetido e, como este por sua vez, acaba servindo como uma biografia da história do ser humano.

[35] Dremel é uma marca de ferramentas, entre as mais conhecidas são as de alta velocidade de rotação para perfurar, cortar, lixar e polir.

Dentre a comunidade da modificação corporal a prática da escarificação por injeção é bastante rara. Possíveis justificativas apontam a própria limitação na criação de "desenhos", a impossibilidade em ter um controle exato e o perigo em relação às substâncias que podem ser injetadas na pele. Usou-se injetar álcool e outros fluídos químicos. Não há registros documentados no Brasil.

- *Tattoo gun* é a técnica que alguns profissionais vão praticar, utilizando como instrumental uma máquina de tatuagem para produção das figuras, sem a utilização de tintas. Alguns poucos casos da prática no Brasil no começo da primeira década do ano 2000.

- *Skin removal*, conhecido também como *peeling*[36] ou *skinning,* é uma técnica que consiste na remoção de áreas – grande ou pequenas - de tecidos, normalmente através do uso de bisturi. Dentro do grupo da modificação corporal o espanhol Toro foi considerado o "iniciador" da técnica, que posteriormente foi bastante "popularizada" no meio.

No Brasil a prática é bastante comum, com diversos registros de profissionais e entusiastas, como podemos observar em *websites*, revistas e nos próprios depoimentos obtidos nas entrevistas.

Junto com o *cutting*, que apresentamos acima, são as técnicas mais utilizadas no que concerne a escarificação moderna.

Figura 4: Skin removal realizada pelo profissional Luciano Iritsu em São Paulo.

[36] Coincidentemente, é o mesmo nome de uma técnica da medicina estética utilizada para o clareamento da pele através de químicos ou laser. Mas enquanto um é extremamente aceito e posto como válido, o outro causará aversão e um profundo estranhamento.

- *Ash rubbing* é mais uma opção. Depois que um corte é feito no corpo, existem diversas maneiras de como ele será tratado, em suma para obter diferentes tipos de cicatrizes. Uma das opções é o "*ash rubbing*", que numa tradução literal significa esfregar cinzas.

Os motivos porque é feito são múltiplos, assim como o de toda e qualquer modificação corporal. O BME aponta três possíveis justificativas: para irritar a pele e conseguir uma elevação da cicatriz; para descolorir a pele dando um efeito de *ink rubbing*[37]; motivos sentimentais, por exemplo, esfregar as cinzas de uma pessoas amada que fora cremada, para de uma forma simbólica integrar os dois corpos em um.

O site ainda vai apontar para os riscos de infecção pela aplicação de um "material estranho" no corpo e ainda vai citar que alguns estudos atuais apontam o risco de câncer.

[37] Corte sob a pele e em seguida é esfregado tinta de tatuagem para coloração da cicatriz.

Body Piercing

"Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço; e a parte que lhes fica entre o beiço e os dentes é feita como roque de xadrês, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber."

Carta de Pero Vaz de Caminha

Body piercing se refere ao ato de perfurar alguma parte do corpo humano com o propósito de utilizar jóias na abertura criada. Assim como a tatuagem e a escarificação, é uma das técnicas milenares da modificação corporal que não possui uma datação exata de quando tenha se iniciado.

Muitas sociedades demarcam na história a presença do ato de perfurar o corpo, seja como forma religiosa ou alguma outra manifestação cultural. Na sociedade contemporânea o body piercing estará mais comumente incluso dentro de um contexto estético, assim como o uso do brinco. Todavia, ainda é possível encontrar o uso por motivos religiosos e espirituais. Diversas partes do corpo podem ser perfuradas, como exemplo orelhas, face, lábios, mamilos e inclusive genitais.

O Brasil carrega um histórico bastante rico no que concerne a prática de perfurar o corpo, assim sendo, é possível afirmar que o body piercing sempre esteve presente na "cultura de corpo" do cotidiano dos brasileiros. Ora pertencente aos índios, outrora "maquiado" como brinco e agora em sua forma dita crua e moderna.

Os *punks* dos anos 80 começaram a exteriorizar as perfurações corporais, mas foi nos anos 90 que tivemos o grande "*boom*" do body piercing no Brasil, somado das respectivas formações de novos profissionais do meio. Apesar de ser um procedimento simples, comparando às outras técnicas de modificação corporal, a busca em decorar o corpo, pode acabar se tornando um verdadeiro pandemônio se não houver os devidos cuidados: higienização e a procura por profissionais capacitados.

Figura 5: A body piercer Milze Kakaua realizando uma auto-perfuração.

Surface piercing

Um *surface piercing* é uma vertente – assim podemos dizer – do piercing tradicional, onde as perfurações de entrada e saída são feitas usualmente na mesma área de pele, podendo em alguns casos, utilizar uma área maior de tecido para colocação da peça.

O site BME aponta que a maioria dos *surfaces* falham, não pela impossibilidade do procedimento, mas pela capacidade do profissional. Ainda assim, visto o alto grau de rejeição muitos profissionais não se sentem confortáveis em trabalhar com a técnica.

Tradicionalmente foram utilizadas as mesmas peças que os piercings comuns, porém, visto a dificuldade na cicatrização outros métodos foram implantados. Com isso as jóias flexíveis se tornaram populares e garantindo uma melhor eficácia no procedimento. Os materiais mais comuns são o PTFE[38] e o Tygon[39].

Entre os lugares do corpo mais populares para aplicação do *surface* estão a nuca, umbigo, centro e laterais do tórax e base do pescoço.

Figura 6: Surfaces realizados pelo body piercer Pereira.

No Brasil o procedimento é bastante difundido e há diversos profissionais capacitados na técnica.

[38] O Politetrafluoretileno é um polímero conhecido mundialmente pelo nome comercial de Teflon.

[39] Marca de silicone.bio-compatível.

Microdermal

"The idea is to give the aesthetic look of a transdermal implant but with the simplicity and safety of a piercing"[40]

Brian Decker – Pure Body Arts

O microdermal é uma evolução de diversas técnicas como o *pocketing*[41], o *dermal anchoring*[42] e do próprio implante *transdermal*, que trataremos adiante.

De acordo com os nossos profissionais entrevistados, a técnica surge por vários motivos, dentre eles, da própria vontade dos entusiastas de terem uma peça de ponto único no corpo. Uma estética nova, que o piercing não proporcionava.

A peça do microdermal é uma miniatura da que é utilizada no *transdermal*: uma placa plana que fica sob a pele, com uma saída única para se "rosquear" uma esfera, ponta ou o desenho que o cliente desejar. A imagem final é que a peça está parafusada diretamente no corpo. O material normalmente utilizado é o titânio, que possibilita uma maior aderência ao corpo. A aplicação pode ser feita utilizando-se de um bisturi, agulha americana ou ainda um *punch* de biópsia, variando de acordo com a técnica escolhida pelo profissional.

Outra vantagem que os profissionais e pessoas que passaram pelo procedimento apontam que é menos doloroso que um piercing tradicional.

---

[40] Tradução livre: A idéia é dar a aparência estética de um implante transdermal, mas com a simplicidade e segurança de um piercing.

[41] O pocketing é frequentemente descrito como um "anti-piercing". Se no piercing comum o meio da jóia fica dentro da pele e as pontas expostas, no pocketing temos o inverso. As pontas da jóia ficam dentro da pele e o meio fica exposto, dando assim a impressão de pequenas bolsas segurando a peça. É um procedimento com um curto prazo de vida, pelo alto índice de rejeição. Ainda assim, foi bastante praticado quando surgiu como uma nova possibilidade de modificação corporal.

[42] Em 2005 o profissional Ben da House Of Color no Colorado, desenvolveu a técnica do dermal anchoring. Basicamente é um procedimento que cria uma pequena bolsa com uma perfuração única, dando uma aparência similar ao de um transdermal, todavia, de forma menos invasiva. Por ser um procedimento novo e ainda, uma adaptação de outras técnicas, havia um alto risco de rejeição no início. Vários profissionais começaram a testar novos instrumentais e peças e com isso o procedimento foi melhorado.

Se teremos um alto índice de rejeição com procedimentos como o *surface*, *pocketing* e o *dermal anchoring*, com o microdermal o grau de aceitação é bastante elevado, fortalecendo a idéia de "evolução" de outras técnicas.

Em entrevista[43] para o site FRRRKguys.com, dez profissionais, de diferentes pontos do Brasil, falaram de quando começaram a trabalhar com a técnica – sendo a maioria deles - no ano de 2007. Em relação aos riscos, eles vão apontar que são os mesmos de um piercing comum, que se potencializam quando a escolha para se realizar o procedimento é a de um profissional não gabaritado. Dentre as dificuldades citadas pelos profissionais está em não haver a produção das peças em território nacional, todo material é importado, o que aumenta o custo do procedimento.

Figura 7: Microdermais realizados pelo profissional Luciano Iritsu.

[43] Disponível em http://frrrkguys.com/microdermal/. Acesso em: 15 Outubro 2010.

Implantes

"The body is neither a very efficient nor a very durable structure. It malfunctions often and fatigues quickly; its performance is determined by its age. It is susceptible to disease and is doomed to a certain and early death."[44]

Stelarc – Obsolete Body

Numa sintética apresentação o implante é um dispositivo médico fabricado para substituir uma estrutura biológica ausente, apoiar uma estrutura biológica danificada ou para desenvolver uma estrutura biológica existente. Dentro do campo a qual nos propusemos pesquisar, o termo abrange implantes subcutâneos, transdérmicos e injeção de silicone. Vamos nos ater aos dois primeiros, visto a maior incidência de prática no grupo pesquisado.

Figura 8: Peças utilizadas para o implante transdermal.

- Transdermal

O conceito e a criação do implante transdermal se deu no ano de 1994 com o norte-americano Steve Haworth[45], mas só chegou no Brasil no começo do ano 2000. O primeiro teste em humano segundo Steve, foi para a criação de

[44] Tradução livre: O corpo não é nem muito eficiente nem uma estrutura muito durável. Ele muitas vezes funciona mal e se cansa rapidamente, seu desempenho é determinado pela sua idade. É suscetível a doenças e está fadado a uma morte certa e antecipada. Stelarc. From Psycho to Cyber Strategies: Prosthetics, Robotics and Remote Existence. *Cultural Values*. Vol. 1, no. 2: 241-9, 1997.

[45] A afirmativa surge com base na análise de depoimentos presentes em documentários e websites, como exemplo, a enciclopédia do BMEzine.com e artigo centrado na técnica no FRRRKguys.com. Os documentários *Flesh and Blood* (SILVERMAN, Larry. EUA, 2007) e *Modify* (GARY, Jason; JACOBSON, Greg. EUA, 2005) trazem diversos depoimentos de Steve Haworth, contando sobre a trajetória de como ele chegou nos implantes.

um moicano de metal, sendo que os primeiros implantes – chamados então de primeira geração - demoraram em torno de um ano para a total cicatrização[46]. Cabe pontuar que é um procedimento com baixa taxa de sucesso, a grande maioria tende com o tempo a ser rejeitada pelo próprio corpo ou permanecem num estado de "não cicatrização completa". O local do corpo escolhido pode impactar diretamente no processo de aceitação e/ou rejeição. Steve aponta que dentro do campo do couro cabeludo a taxa de rejeição é muito maior.

É um procedimento mais caro quando comparado aos outros e no Brasil, são poucos os profissionais que trabalham com a técnica. Não há fabricação das peças em território nacional, o que eleva o preço e a baixa freqüência da prática em si. Soma-se a isto a complexidade na realização do procedimento, que envolve, inclusive, o uso de anestésicos, segundo depoimento dos nossos entrevistados.

Figura 9: Procedimento de implante transdermal em Milze Kakaua pelos profissionais Pingüim e Till do Estúdio Vatos Tattoo.

André Fernandes, o precursor do *transdermal* no Brasil, conta em entrevista para o site FRRRKguys.com que fez aproximadamente 14 procedimentos desde o começo do ano 2000. Com isso, temos uma clara noção da baixa incidência desta modalidade de implantes em território nacional.

[46] Disponível em http://frrrkguys.com/implantes-transdermais/. Acesso em: 15 Outubro 2010.

Uma das primeiras brasileiras a fazer o implante transdermal – inclusive com o André Fernandes - foi a artista plástica Priscilla Davanzo. Em seu trabalho chamado *Input/Output* (2004), ela implantou três peças no centro do peito. A artista vai falar sobre os prós e contras do *transdermal*:

> *"Prós: é lindo e sintético. O fato de não ter um ponto de entrada e um de saída [como as perfurações] é o que traz a leveza. Gosto da idéia de que o dentro e o fora do corpo ficam sem lugar.*
> *Contra: por não terem uma camada de pele fechando, ficam com o interior exposto e tendem, volta e meia, ficarem sensíveis."*[47]

Se todo procedimento exige uma alta dose de cuidado, o transdermal pede que o cuidado seja triplicado.

Sabemos que toda reversão de alguma modificação corporal que se faça, deixa(m) alguma(s) seqüela(s) e com o transdermal não é diferente. Em muitos casos a remoção de um transdermal pode ser mais complicada que o próprio implante, variando de acordo com o local do corpo escolhido.

Visto os prós e contras, o BMEzine vai dizer que o transdermal é um dos poucos procedimentos que eles não recomendam que se façam, apesar de apoiar aqueles que estejam cientes de todos os riscos. [48]

Figura 9: Implantes transdermais em estágio de rejeição.

[47] Disponível em http://frrrkguys.com/implantes-transdermais/. Acesso em: 15 Outubro 2010.

[48] Disponível em http://wiki.bmezine.com/index.php/Transdermal_Implant_Removal. Acesso em: 06 Novembro de 2010.

- Subdermal

"The body not as a subject but as an object - NOT AN OBJECT OF DESIRE BUT AS AN OBJECT FOR DESIGNING."[49]

Stelarc

É o implante de objetos tri-dimensionais debaixo da pele. Conhecido também como *3D-Art Implants,* foram criados, desenvolvidos e popularizados por Steve Haworth em meados dos anos 90. Assim como os implantes transdermais, os subdermais chegaram no Brasil através de André Fernandes no começo do ano 2000. Como o piercing, os implantes podem ser "alargados", a exemplo podemos citar os implantes de "chifres", que necessitam que gradualmente sejam colocadas de forma crescente peças menores até chegarem a medida desejada. Sendo assim, chamada de primeira geração as primeiras peças implantadas, seguindo respectivamente as "novas gerações" de acordo com as trocas de peças.

Figura 10: Procedimento de implante subdermal realizado por Tárcio, Campinas, 2006.

É um procedimento cirúrgico que exige alto nível de cuidado. Se há o uso de aplicação de anestésico o risco aumenta e muito, podendo ser fatal em caso de reação alérgica ao anestésico utilizado. Ainda assim, os registros apontam que a grande maioria dos procedimentos fazem o uso de anestésico no Brasil e ao mesmo tempo nenhum apontamento de vítimas.

É um procedimento de alta taxa de aceitação, uma vez que a peça fica inteira debaixo da pele.

[49] Tradução livre: O corpo não como um assunto mas como um objeto – NÃO UM OBJETO DE DESEJO MAS COMO UM OBJETO PARA DESENHO.

Os materiais normalmente utilizados são o PTFE e o silicone e nas mais diversas formas: corações, estrelas, esferas, caveiras e etc.

Diferente do transdermal, essa categoria de implantes é bastante difundida no meio pesquisado.

Figura 11: Pré finalização do procedimento, notável o “efeito 3D”.

Tongue Splitting

"Like so many other modern body modifications, tongue splitting is also done because people simply want the ability to shape their bodies according to their own desires."[50]

Encyclopedia of body adormment – Margo DeMello

O *tongue splitting* é a bifurcação central da língua, dando a aparência de língua de cobra. Com o tempo e dependendo do quanto a língua foi bipartida, cada parte pode ser controlada separadamente.

O procedimento pode acontecer de diferentes maneiras, o método recomendado pelo BMEzine como sendo o mais seguro, é que se procure um cirurgião oral que trabalhe com laser. Numa breve descrição de procedimento, o doutor aplica anestesia, faz a marcação guia e posteriormente inicia o corte lentamente com o uso de laser, que ao mesmo tempo que corta cauteriza. Normalmente o procedimento todo leva em torno de quinze minutos e não sangra muito. O único sangramento pode acontecer durante a sutura. A cicatrização primária leva em torno de duas semanas e a cicatrização total um mês. Uma outra maneira de se realizar o *split* e um dos primeiros métodos utilizados, foi o chamado *Tie-Off,* que exige que o sujeito tenha uma perfuração na língua, por onde irá passar um fio de nylon ou fio-dental bem apertado, e com o tempo o fio vai cortando a língua ao meio. Esse procedimento pode levar semanas, e o sujeito que se dispõe a ele, tem que ter um alto grau de tolerância a dor. Falar e comer se tornam tarefas árduas durante esse processo e a maioria das pessoas que optaram por essa forma, acabam por cortar a última parte da língua com uma lâmina. O método mais comum para a realização do tongue split é através do *scalpelling*, em resumo, cortar a língua ao meio utilizando uma lâmina. É um método que também não leva muito tempo, mas que geralmente tem muito sangramento. Para isso os profissionais que trabalham com essa técnica utilizam um cauterizador ou a própria sutura para estancar o sangramento. Por fim, temos a técnica através do

[50] Tradução livre: Como tantos outros tipos de modificações corporais modernas, *tongue splitting* também é feito porque as pessoas simplesmente querem a habilidade de modelar seus corpos de acordo com seus próprios desejos.

cauterizador. Basicamente a língua é bipartida pelo instrumental, que corta e cauteriza ao mesmo tempo. Não é uma técnica com grandes riscos, porém, bastante dolorosa. Falando em riscos, toda manipulação do corpo tem os seus e vale frisar, que não são poucos, por isso a necessidade de se procurar de preferência um dentista que esteja disposto a realizar o procedimento de *split* ou um profissional altamente qualificado. Historicamente o tongue splitting foi mencionado em diversos textos da Índia antiga sobre práticas de yoga. Sabe-se que é uma das formas dos yogis, adeptos de tal prática, de se relacionarem com o divino. Na mitologia hindu é bastante comum personagens com a língua bipartida, como também temos em outras crenças, mas frequentemente ligadas ao mal. Como no cristianismo que a língua bipartida é relacionada à imagem de satã.

No ocidente contemporâneo o primeiro split documentado foi realizado na Itália em 1997 e posteriormente em 1998 mais alguns registros documentados[51], cada um utilizando uma técnica diferente.

Segundo o BMEzine, é a partir do ano 2000 que o "*tongue splitting se torna uma das técnicas mais populares, comuns, seguras e com maior grau de satisfação pessoal*" dentre os adeptos das *body mods*.

Se em 1998 era possível mensurar quantas pessoas no mundo possuíam a unidade bipartida, na primeira década do ano 2000 se torna impossível quantificar. A impossibilidade se dá pelo crescente número de adeptos das práticas, de profissionais em formação e da grande quantidade de procedimentos feitos seguindo o lema *do it yourself* (faça você mesmo). As primeiras aparições de línguas bipartidas no Brasil vão se dar nesse período.

[51] Fotografias, revistas e a publicação de "experiências" na internet constituem a documentação que nos referimos. *The Lizardman*, um dos primeiros a ter a unidade bipartida partilha sua vivência em seu próprio site e no BMEzine.com. Disponível em: http://www.bmeworld.com/amago/bodmod/tonguesplitexp.html. Acesso em: 06 Novembro de 2010.

Figura 12: Procedimento de *tongue splitting* pelo profissional Dark Freak, São Paulo, 2009.

Eyeball tattooing

"Teus olhos são a pátria do relâmpago e da lágrima,
silêncio que fala,
tempestades sem vento, mar sem ondas,
pássaros presos, douradas feras adormecidas,
topázios ímpios como a verdade,
outono numa clareira de bosque onde a luz canta no ombro
duma árvore e são pássaros todas as folhas,
praia que a manhã encontra constelada de olhos,
cesta de frutos de fogo,
mentira que alimenta,
espelhos deste mundo, portas do além,
pulsação tranquila do mar ao meio-dia,
universo que estremece,
paisagem solitária. "
Octavio Paz, in Liberdade sob Palavra[52]

Figura 13: Procedimento realizado por Luna Cobra.

Se na segunda metade da década de 90 o Governo norte-americano autorizou à venda das lentes pintadas com desenhos estranhos que imitavam microchips, espirais, olhos de gato[53], ou ainda, as brancas, amarelas, vermelhas, que causavam grande espanto e eram associadas ao demônio, não demorou para que ela fosse popularizada no Brasil. Elas surgem através de um desfile de 1997 do Lino Villaventura em que suas modelos usavam lentes

[52] Tradução de Luis Pignatelli.

[53] "Olhos para ver e mostrar", nota na Revista Veja de 29 de Abril de 1998. Disponível em: http://veja.abril.com.br/290498/p_049.html. Acesso em: 20 Novembro de 2010.

brancas[54]. Desfile esse que traz Marina Dias, primeira *top model* bastante tatuada e com piercings diversos, que antes de ser modelo trabalhou como hostess do *Hell's Club* em São Paulo.
As lentes cairam no gosto do povo, então, o músico e diagramador Marco Aurélio Andreotti que descobriu a novidade em um catálogo da internet e registrou a marca no Brasil como *Crazy Eyes,* lançou a novidade no *Mercado Mundo Mix*.

Se as lentes de contatos causaram um grande estranhamento, podemos concluir que na primeira década do ano 2000, com a chegada da tatuagem no globo ocular, o estranhamento foi muito maior.
A "tatuagem" no olho - assim como quase todas as práticas de modificações corporais - não é algo novo. Vem sendo utilizada para corrigir "falhas" no globo ocular pela oftalmologia, na passagem do século XIX para o XX, como aponta o site BMEzine.com. Mas se temos o histórico de uma medicina estética trabalhando em prol de correções de "falhas", o que aconteceria quando a esclera[55] ganha cores e um "novo" pressuposto estético? Preto, vermelho, azul, verde e tantas outras possibilidades crômicas? Muito pode acontecer, pois desde 2007 a tatuagem na esclera é algo possível e progressivamente praticável, porém, no exterior. No Brasil não temos profissionais capacitados que trabalhem com essa técnica e não há registros de pessoas que tenham feito tal modificação por aqui.

Em 2008 havia, no mundo, um único profissional capacitado e quem iniciou este trabalho, Luna Cobra[56]. Atualmente ele vem treinando e capacitando outros profissionais para trabalharem com a respectiva técnica. Para se ter uma ideia de proporção, em 2008 menos de 20 pessoas, em todo o mundo, haviam passado por este procedimento.

O próprio profissional admite os riscos do procedimento, que pode inclusive levar a cegueira.

---

[54] Disponível em http://www.erikapalomino.com.br/. Acesso em: 06 Novembro de 2010.
[55] Popularmente chamada de "parte branca do olho".

[56] Disponível em http://frrrkguys.com/eyeball-tattooing/. Acesso em: 06 Novembro de 2010.

Assim como o poema de Octavio Paz sugere, os olhos como símbolo podem ser muitas coisas, dentro do contexto e do recorte pesquisado, é o “silêncio que fala”.

Ear pointing

Ear pointing é o procedimento onde a orelha é modificada para ficar parecida com o formato da orelha de um Elfo ou dos clássicos personagens *Vulcans* do *Star Trek*, a exemplo do Dr. Spock.

É um procedimento que envolve a retirada de tecidos da cartilagem e a sutura da mesma. Assim como os implantes, é um procedimento cirúrgico e que em sua maioria conta com o uso de anestésico e automaticamente, por conta principalmente disto, tem seu grau de risco.

Steve Haworth geralmente é reconhecido como inventor da técnica no final dos anos 90 e começo de 2000 e, ainda hoje, são poucos os profissionais no mundo capacitados para executar tal procedimento.

No Brasil temos poucos registros de pessoas que tenham passado pelo *ear pointing* – uma média entre 2 e 3 pessoas -, assim como um baixo número de profissionais especializados, sendo André Fernandes um dos poucos que se tenham registros, conforme apontou os depoimentos coletados nas entrevistas.

Figura 14: Milze Kakua durante o procedimento de seu *ear pointing*.

Nulificação

A nulificação é a remoção voluntária de partes do corpo. Ela pode acontecer de diversas formas, como exemplos: a castração[57], penectomia[58] e a amputação de dedos, dentes, mamilos ou de partes inteiras do corpo. Tal prática é relacionada a profundos problemas psiquiátricos[59], todavia, a psiquiatria moderna começou a reconhecer como uma prática válida.

> *"To oversimplify, a person has an internal body image -- this body image may not include all the normal body parts. If not, they will not be happy until they line up this internal image with the real world. Nullification may be the answer in some of these cases."*[60]
>
> BMEzine.com

Entrevistando profissionais e entusiastas da temática, fica evidentemente perceptível que a nulificação é uma prática bastante polêmica dentro do grupo e pouco aceitável, muitas vezes relacionada à enfermidade psíquica, dentro do próprio meio pesquisado.

No Brasil, teremos a prática da nulificação bastante freqüente entre transexuais (*male to female*) e, que muitas vezes foram feitas de forma ilegal em médicos clandestinos, quando não a auto-castração, que é a mais perigosa via, pelo alto risco de hemorragia e infecção.

Ainda que seja rodeada de tabus, durante a pesquisa percebemos que no final dos anos 90 e principalmente na primeira década do ano 2000, a remoção dos mamilos se torna "mais comum" no meio da comunidade *body mod*, com a justificativa e motivação majoritariamente estética.

---

[57] Remoção ou destruição de um ou dois testículos.

[58] Também chamada de falectomia, é a remoção completa ou parcial do pênis.

[59] BIID (Body Integrity Identity Disorder) ou Apotemnofilia é uma enfermidade psiquiátrica que leva o sujeito afetado a um irresistível desejo de amputar uma ou mais partes do corpo.

[60] Tradução livre: Simplificando, uma pessoa tem uma imagem corporal interna - esta imagem corporal pode não incluir todas as partes do corpo normais. Caso não, eles não estarão felizes até que se alinhem a imagem interna com o mundo real. Nulificação pode ser a resposta em alguns destes casos.

Análise da modificação corporal no Brasil – 1980-1990

"- Você possui alguma modificação corporal? Quais?
- Não, nenhuma"[61]

Existe algum corpo no mundo que não tenha passado por algum processo de modificação corporal? A resposta que salta é negativa. Seja de forma consciente ou inconsciente, voluntária ou involuntária, e ainda, pela alimentação, pelo cotidiano, pelos paradigmas estéticos, podemos afirmar que todo corpo é de uma forma ou de outra "mexido": alterado, mudado, modificado, transformado.

Centrando em nosso recorte temático e por mais que o mesmo esteja centrado no Brasil, é impossível falar sobre as técnicas da modificação corporal contemporânea sem citar o norte americano Fakir Musafar, que estabeleceu simbolicamente o nascimento dos "*primitivos modernos*" em 1943, aos 13 anos[62] de idade, após perfurar seu prepúcio, em um ritual que levou horas. Como pontua Breton em *Adeus ao Corpo*:

> *"Fakir Musafar é um exemplo impressionante do "primitivismo moderno", isto é, dessa colagem de práticas e de rituais fora do contexto, flutuando em uma eternidade indiferente, longe de seu significado cultural original, muitas vezes ignorado por aqueles que o empregam transformando-o em performances físicas. Mas essas experiências nem por isso deixam de revestir formas de sagrados íntimos que tornam sua realização particularmente intensa."*

Beatriz Ferreira Pires autora do livro *O corpo como suporte da arte,* afirma que o termo foi cunhado por Fakir em 1967 e que seu surgimento é "*para indicar o modo de vida de indivíduos que, mesmo sendo membros de uma sociedade que se desenvolve baseada na razão e na lógica, se guiam pela intuição e colocam o corpo físico como o centro de suas experiências."*

Fakir Musafar, além de ser o "pai" do movimento dos chamados *primitivos modernos,* trouxe a tona toda uma intensa discussão sobre o corpo e

---

[61] Fragmento de conversa coletada durante pesquisa em campo com pais de pessoas que possuem modificações corporais.

[62] BRETON, Op. Cit., p. 36.

um renascimento de práticas e rituais adormecidos – ou que se fizeram adormecer - na sociedade ocidental. Piercings, cicatrizes, suspensão corporal, kavadi, são alguns exemplos dos resgates propostos por Fakir.

As relações corporais, dentro desse campo dos primitivos modernos, encontram-se em um contexto de evolução espiritual, transcendental. Muitos seguidores possuem os mesmos pontos de vistas. Outros tantos reconhecem a importância de Fakir Musafar, mas não se identificam tanto com a questão primitiva e/ou espiritual.

> *"Sou uma criança ocidental do século XX, alimentada por ficção científica, e não uma criança de origem Masai ou Dayak."*[63]

Como procuramos enfatizar anteriormente, não se trata de um grupo homogêneo e a idéia da construção de "indivíduo uno" está fortemente posta dentro do contexto das modificações corporais.

No entanto, pensando as modificações corporais ou as "marcas corporais", como Breton chama em nossa contemporaneidade, surge a pergunta: por quê modificar voluntariamente o corpo? O que motiva um grupo de pessoas a alterarem a sua própria forma?

Primeiramente se faz necessário (re)afirmar que não existe um corpo na história que não tenha passado por um processo de modificação, como colocamos na introdução do respectivo capítulo. Talvez não por técnicas como a tatuagem, o piercing ou o implante, mas por alguma outra, como a própria vacina BCG que já apresentamos, em comparação análoga às práticas profiláticas de tribos africanas.

Quando iniciamos o projeto da respectiva pesquisa, a idéia metodológica era entrevistar três grupos de pessoas para poder sustentar e suplementar a nossa resposta sobre os motivos que levavam as pessoas a se submeterem a cortes, queimaduras, incisões: os profissionais, os entusiastas e pessoas "alheias" ao tema.

---

[63] Entrevistada dada por Olivier: performer, fundador do Studio de Body Piercing, Tatouage et Modifications Corporelles, localizado em Paris. Em HEUZE, Stéphanie. "Le Piercing, um rituel Contemporain" in Charger Le corps?. Paris: La Musardine, 2000. p.119.

As primeiras leituras e reflexões nos apontaram que não existem pessoas alheias ao tema. Talvez a consciência corporal ou a aceitação e assimilação cultural de determinados corpos sejam variantes, mas concluímos que não havia uma pessoa pura e imaculada, alguém que não tivesse passado por nenhuma experiência de modificação corporal. Porque estar vivo é automaticamente estar suscetível a esse processo de constante transformação e experiências físicas. Objetivando as técnicas a qual nos propusemos pesquisar, o que levaria a tantas pessoas a voluntariamente alterarem suas formas físicas? É possível afirmar que as marcas corporais correspondam a busca do indivíduo em "completar por iniciativa pessoal um corpo por si mesmo insuficiente para encarnar a identidade pessoal", como afirma Breton. Em síntese, é a busca e o encontro do *self*. Assim nos remetemos mais uma vez ao poema de Octavio Paz da introdução de nosso trabalho, "*sou a criatura do que vejo*".

A sociedade pós moderna, a qual a nossa pesquisa se ambienta, está impregnada pela chamada individualização. A necessidade de ser um indivíduo único no mundo parece ser o mote principal dessa contemporaneidade e, a *body modification*, a sua maneira, possibilita isso para os adeptos da prática.

Steve Haworth, conhecido como o "pai dos implantes sub e transdermais" afirmou no documentário "*Flesh and Blood*" (EUA, 2007), do diretor Larry Silverman, que modifica as pessoas para que elas possam "*ser mais únicas*". Idéia que vai endossar o conceito de individualização contemporâneo.

Sendo assim, entramos num ponto onde percebemos que há uma profunda confusão de tratamento e de discernimento por uma mídia que chamamos de genérica, por não ser especialista ou por não ter um especialista tratando da temática. Lamentavelmente há uma incompreensão que se estende para uma massa populacional, que é produzida por estes canais midiáticos.

Frequentemente as pessoas que são adeptas das *body mods* vão ser denominadas como tribos. Porém, vale citar que quando pensamos sobre as modificações corporais na contemporaneidade – assim como em seu caráter individualizante - não devemos e não podemos nos referenciar como um grupo ou tribo homogênea. As modificações vão acontecer em sujeitos que as

buscam por motivos diversos - religiosos, estéticos, artísticos, sexuais e etc - e a relação que cada qual tem com o seu corpo, será estritamente singular, pessoal, única. Assim sendo, o elo principal entre "os modificados" é a experiência em ter passado por algum processo de modificação e muitas vezes será somente este, pois a vida desses indivíduos não se resume à essas práticas.

Uma outra meta de nossa pesquisa era entender se havia heranças culturais no que concerne as práticas de modificações primitivas em relação com às modernas, e quando essas práticas retornaram para o Brasil. A herança é evidente, apesar de muitas vezes inconsciente como nos mostrou as entrevistas em campo. Talvez essa "inconsciência", inconstância ou ausência de reflexão entre os profissionais e entusiastas sobre o valor cultural e histórico de dadas práticas dificulte o levantamento de uma transformação na recepção das mesmas.

Quanto ao retorno das práticas no Brasil, o que podemos afirmar é que não houve retorno, uma vez que elas nunca se ausentaram por completo. Por exemplo, como vimos brevemente na apresentação das técnicas de modificação corporal, a tatuagem, a escarificação e o piercing sempre estiveram presentes na prática cultural e social brasileira, antes mesmo deste ser conhecido como tal. Obviamente que o significado foi sofrendo as alterações temporais e sociais, mas nunca se silenciou ou se ausentou por completo. Mas se é uma prática humana, que por sua vez se apresenta como social e cultural, sempre existente no Brasil, por quê somente na década de 90 do século XX que se enfatizou o discurso sobre "os retornos" de tais práticas? A nossa pesquisa aponta algumas justificativas. Primeiro se faz importante pensar que o Brasil passou 21 anos[64] imerso numa ditadura civil e militar que sufocava e censurava fortemente diversas manifestações sociais e culturais. Nos anos 70 a tatuagem - ainda - era fortemente ligada à marginalidade e censurada pela sociedade como um todo. Outras práticas como o piercing ou até mesmo a escarificação aconteciam, mas como casos isolados, sem documentação ou a atenção como manifestações culturais muito próprias do Brasil. Visto através dos relatos de João do Rio em sua crônica *A alma*

[64] A Ditadura Militar ou Regime Militar foi o sistema político do Brasil dos anos 1964 vigorando até 1985.

encantadora das ruas a ocorrência de tais práticas no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, já existiam no início do século XX. Com base na afirmação do autor sobre a rentabilidade e assimilação da população, cada vez maior, da pequena profissão é possível imaginar que a prática não tenha adormecido em 1908 e acordado em 1980. Mas nessa história não podemos negar um fato, algumas técnicas da modificação corporal contemporânea vão ser adaptadas e (re)colocadas na sociedade em meados dos anos 60, melhoradas e propagadas nas décadas de 70 e 80 na Europa e América do Norte e vão "chegando" ao Brasil, então quase que simultaneamente, nos anos 90.

Sendo assim, podemos afirmar que a tatuagem esteve sempre em constante atividade no Brasil e alguns trabalhos apontam isso, como a própria tese de doutorado *Teorias da Tatuagem* da Célia Maria Antonacci Ramos. Por sua vez o piercing, como prática ou profissão só vimos acontecer no Brasil por volta de 1992. Os documentos pesquisados apontam André Meyer e Zuba como sendo os precursores da prática do body piercing no Brasil e ambos em São Paulo. A biografia do website[65] profissional, assim como diversos documentos vão apontar que André Meyer em 1992 viajou para Londres para aprender as técnicas de perfuração com Grant Demsey, em 1993 retornou ao Brasil e começou a aplicar jóias de piercing profissionalmente. Todavia, sua "paixão" e interesse pelas práticas de manipulação do corpo se iniciou em 1982, quando aos 13 anos, em viagem ao Amazônia com a família, se apaixonou pelos adornos nos índios. Em sua biografia, narrando como foi a introdução do body piercing no Brasil, diz:

> *"Com pouco material e muita vontade, André começou a perfurar amigos e divulgar o que aprendera em sua viagem, apesar de alguns amigos e familiares duvidarem da possibilidade de se tornar um profissional na arte de espetar agulhas na pele para a introdução de jóias com fins estéticos, religiosos, eróticos e outros."*

---

[65] Disponível em Acesso em http://www.piercing.art.br/profissionais_andre.html. Acesso em : 06 Novembro de 2010.

Faz-se necessário frisar que antes disso já vamos ter casos de pessoas utilizando "brincos" em locais não convencionais como nariz, lábio ou cartilagens das orelhas, mas foi através do André Meyer que vamos ter um profissional especializado, com loja e vivendo como *body piercer* no Brasil. Outro nome de grande importância pela (re)introdução do piercing e de uma variedade de modificações corporais é da profissional Zuba. Ela também aprendeu a técnica em Londres e abriu sua loja em São Paulo em 1992. Sua clientela no começo de carreira era de pessoas ligadas à moda, vida noturna e motoqueiros.

Antes da profissionalização da prática, Zuba diz que fez seu primeiro piercing em 1985, uma jóia no nariz, que quis aplicar ao visitar um templo Hare Krishna em Pindamonhagaba.[66]

No final da década de 90, Zuba fez uma nova viagem ao exterior onde aprendeu técnicas de escarificação e implantes. Nas revistas de tatuagem nacionais deste período, há diversas amostras de seus trabalhos com o *pocketing* e o *surface piercing*, já demonstrando suas sortidas habilidades. Sendo assim, André Meyer e Zuba em São Paulo, abriram caminhos para todo o desenvolvimento da modificação corporal nacional.

Quando dissemos acima que técnicas da *body modification* vão ser empregadas nos anos 90, quase que simultaneamente na Europa, América do Norte, América do Sul e sem dúvida alguma atingindo o mundo todo de forma bastante globalizada, não é mera força de expressão. Mesmo pensando pela perspectiva do body piercing, foi no começo dos anos 90 que muitos profissionais hoje de grande renome mundial estavam se "aperfeiçoando". A exemplo, o *body modifier* canadense Blair, que fala que em entrevista[67] ao site BMEzine que em 1990 o body piercing era algo realmente novo no Canadá, foi o momento em que ele viu os primeiros piercings na língua e no septo num estúdio de tatuagem. Seguindo seu relato, ele vai delatar que é a partir desse momento que ele começou estudar anatomia e ler mais a respeito, para

---

[66] Em entrevista anexada ao trabalho de iniciação científica de Carla Ruiz Martin, "Movimento de contestação ou agressão ao corpo? Uma discussão sobre a body modification e a arte da performance na década de 90".

[67] Disponível em Acesso em http://news.bmezine.com/wp-content/uploads/2008/09/pubring/people/A10101/blair/index.html. Acesso em : 07 Novembro de 2010.

começar a fazer piercing em si próprio e posteriormente em amigos próximos. Uma característica predominante dos profissionais e dos adeptos das práticas das modificações corporais modernas – seja do recorte temporal pesquisado ou atualmente - é justamente a de testar procedimentos no próprio corpo, como um laboratório próprio. Um dos primeiros praticantes de técnicas denominadas "extremas" - como escarificação, *tongue splitting* – Roberto Medeiros, apareceu na mídia na segunda metade da década de 90. Cujas entrevistas ele narrou que muitas modificações foram feitas por ele próprio. Assim como, todos os entrevistados durante a pesquisa narraram situações como: "faça você mesmo". Outro profissional norte-americano de renome, de Ybor City na Flórida, Jon Cobb levou a prática do body piercing a outro estágio. Em 1994 Jon documentou o primeiro piercing na úvula, gerando uma série de contradições e até mesmo lendas urbanas a respeito, que inclusive cogitavam mortes. Segundo o site BMEzine, tudo não passou de mera especulação e injúria. Além desse polêmico piercing, ele foi responsável pela prática do t*ransscrotal*[68], *pocketing*[69], entre outros.

Jon Cobb "popularizou" o piercing no pescoço e o próprio surface, ou seja, foi um profissional que ousou e testou novos limites para o corpo. Foi um personagem bastante curioso e diferente da maioria dos profissionais da *body modification,* ele não possui *website* ou inúmeras contas em redes sociais como os profissionais costumam ter, Jon tem apenas essa entrevista a qual consultamos e uma descrição no site BMEzine, que o cita como guru espiritual. Seja com Blair ou com o enigmático Jon Cobb, o que fica claro é que as manifestações da *body modification* estão acontecendo em diversas partes do mundo e a partir da década de 90 em maior sincronia. Erik Sprague ou *The Lizardman* como é mundialmente conhecido, é doutor em filosofia e fala[70] que seu interesse pela *body modification* foi/é um "*natural result of a quantum causality chain including my own art, performance,*

[68] São piercings que atravessam o saco escrotal de um lado o outro e alojam uma jóia entre os testículos.

[69] O pocketing piercing é aquele em que as pontas da peça ficam dentro do corpo como em "pequenas bolsas" e a maior parte da peça fica exposta.

[70] Disponível em http://www.ambient.ca/spako/spidergod.html. Acesso em : 21 Maio de 2002.

philosophy, interests and self-expression."[71] E conclui que muitas de suas modificações foram feitas por essas razões, apesar do seu interesse pela body art ter surgido aproximadamente em 1997, depois dele ver inúmeras fontes sobre o tema (normalmente websites). Em seu livro *Once more through the modified looking gla*ss, Erik vai falar sobre a sincronia com a qual aconteceram os primeiros *tongue splits* no mundo na década de 90. Segundo seu relato, eram diferentes pessoas, em diferentes lugares, que fizeram a mesma coisa de diferentes formas e sem se conhecerem.

Retornando nossa discussão ao Brasil, em 1996 André Meyer inaugura a *Body Piercing Clinic* na Galeria Ouro Fino na rua Augusta em São Paulo e inicia a formação de diversos outros profissionais.

Além de sua excelência com o *body piercing*, em fevereiro de 1997 viaja novamente para o exterior, mais especificamente Nova York, afim de aprender sobre o *branding* com Keith Alexander da *America Modern Art*.

Também de cultura milenar o *branding* - como vimos com João do Rio, a queimadura já era uma das formas de se "tatuar" no começo do século XX - começa a se popularizar nesta década, e a *Body Piercing Clinic* sempre se atualizando, foi buscar a técnica adequada para desenhar o corpo com ferro quente. Assim sendo, André foi o precursor no Brasil.

Em 1999, Meyer foi ao Texas conhecer a técnica de suspensão corporal com o *TSD* (*Traumatic Stress Discipline*) e através dele tivemos o primeiro registro de um brasileiro que se suspendeu.

Retrocedendo temporalmente, os anos 80 do século XX no Brasil, principalmente a sua segunda metade, foi marcada por uma série de transformações sócio-políticas e culturais. Como foi dito, período de ruptura de anos imersos numa ditadura militar que oprimiu a sociedade das mais diversas maneiras possíveis.

A liberdade de expressão que caminhava, dos anos 60 aos 80, em suas fortes amarras de aço ou em constante forma de "cálice" como Chico Buarque coloca metaforicamente em sua música, aos poucos foram ganhando voz(es).

A cultura e a contracultura desempenharam papéis libertadores na sociedade brasileira. A música gerou grandes "revoluções" sociais, assim como

[71] Tradução livre: resultado natural de uma cadeia de causalidade quântica, incluindo a minha própria arte, filofosia, interesses e auto-expressão.

a arte e a moda tiveram suas características “revolucionárias” dentro desse contexto de profundas transformações. Tão logo, o corpo foi alterado e ao mesmo tempo foi agente comunicador de todas essas novas transformações sócio-culturais no Brasil.

Pensando ainda especificamente a década de 80, a música serviu de base para o surgimento de diversos grupos, que foram denominados como “tribos urbanas”, assim como movimentos de contracultura.

O termo “tribo urbana” foi elaborado pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, utilizando em seus artigos a partir de 1985, e se trata de um fenômeno que se constitui nas "*diversas redes, grupos de afinidades e de interesse, laços de vizinhança que estruturam nossas megalópoles. Seja ele qual for, o que está em jogo é a potência contra o poder, mesmo que aquela não possa avançar senão mascarada para não ser esmagada por este*".[72]

As tribos urbanas, sem dúvida alguma, colaboraram na propagação e até mesmo na formação de uma “cena” brasileira da modificação do corpo.

Dentre a multiplicidade de tribos que surgiram ao longo dos anos 80 teremos o punk e toda sua construção corporal, assim como os *skinheads*, góticos e c*lubbers,* sendo todas elas, num primeiro momento, antagônicas.

Vale ressaltar que a construção da imagem de cada tribo, visualmente se dá através da indumentária e também da própria relação de cada qual com o seu corpo, formando a identidade estética de cada grupo. Tornando possível, através de um curto olhar identificar qual o grupo que determinado indivíduo pertencia.

Os punks carregavam alfinetes perfurando o rosto, além de tatuagens que expressavam suas insatisfações com o sistema. Os *skinheads* além da cabeça raspada, eram identificáveis pelo corpo mais musculoso e tatuagens que expressam suas ideologias. Os góticos vão transpor sua melancolia nos trajes pretos, na palidez da face e em brincos que alternam da orelha ao nariz.

E no fim dos anos 80, ganhando espaço nos 90, tivemos os *clubbers* que surgiram com o *boom* da inserção da música eletrônica no Brasil fazendo uma mistura de estilos, assim nomeados por uma cultura *club*. As pistas de dança regadas pela música eletrônica se tornaram grandes laboratórios de

[72] MAFFESOLI, 1998, p. 70.

experimentos corporais e estéticos. A body piercer Zuba cita que inclusive fez diversos piercings no Hell's Club no Columbia:

> "(...) lembro que eu ficava tipo num palquinho fazendo *piercing*, na época tinha aquele pessoal do Hell`s mesmo, o Mau Mau que tocava e eu fazia *piercing* nessa galera."[73]

Quando vimos mencionado em algumas matérias que a prática da modificação corporal "originou-se" com os *clubbers*, citam que "tatuagens variadas , permanentes ou não, freqüentam corpos insuspeitados." E acrescentam que:

> *"Sem contar que a neta da rainha Elizabeth II, Zara, já fez piercing. E na língua."*[74]

Em síntese o *clubber* é aquele sujeito que freqüenta *clubs* e consome música eletrônica. Durante as décadas de 80 e 90 houve uma explosão de clubs em São Paulo, destacamos alguns: Madame Satã, Hell's Club, U-Turn, Lov.e, Manga Rosa, Diesel, B.A.S.E, A Loca, SoGo, Massivo, Nation, Sound Factory, continuando a listagem. O Madame Satã desde o começo dos anos 80 foi muito influente no meio das tribos urbanas em formação. Assim como, nossa pesquisa apontou que no Brasil a "cena eletrônica" foi fortemente marcada pelo Hell's Club, criado em 1994 pelo DJ e promoter Pil Marques. O Hell's deu início a mania de ficar até tarde da noite – e muitas vezes do dia - nas festas.[75] Em 1998 o *club* encerra as suas atividades, todavia, a força do projeto era tão intensa que – mesmo com o aparente fim - ficou a marca de roupa na Ouro Fino e as tatuagens com a logomarca da festa em vários freqüentadores.

---

[73] MARTIN, Carla Ruiz. Movimento de Contestação ou agressão ao corpo? Uma discussão sobre a Body Modification e a arte da performance na década de 90.

[74] CAMPELLO, Rachel. A tribo da noite. Revista Veja, São Paulo, 31 Março de 1999.

[75] Revista Istoé de 05.07.2000.

"Mais pé no chão que os hippies dos anos 70 e menos agressivos que os punks dos 80, os clubbers – que preferem ser chamados de fashion e modernos – nasceram nos clubes noturnos de Londres e proliferaram na década de 90, embalados da música tecno."[76]

Mencionando os clubs paulistas, vale frisar também que sem dúvida alguma A Loca foi palco para muitos experimentos corporais. O mensal Grind Zine[77] trazia sempre fotos do público freqüentador e as tatuagens, piercings e alargadores sempre estiveram bastante presentes.

Se a modificação corporal nos anos 80 foi marcada pela formação de tribos urbanas e ficando na sombra da cultura chamada *underground,* a década de 90 foi marcada pela diluição disso tudo e na assimilação da sociedade de muitas técnicas que outrora eram tidas como subversivas, por exemplo, o piercing e a tatuagem. Obviamente que não uma assimilação completa. Acrescentamos que em 1990 é o ano em que teremos a primeira convenção de tatuagem do Brasil, gerando sua contribuição para a popularização da prática em São Paulo e consequentemente para outros estados brasileiros.

Mesmo com o aparecimento de leis e visíveis sinais de resistência conservadora, a modificação corporal discorreu bastante na década de 90 e como afirmamos, com ajuda impulsionadora das tribos urbanas. Mas pensando especialmente estas, onde esses grupos se reuniam, com exceção dos *clubs* que já mencionamos? Bem, se podemos falar de "pontos estratégicos" de encontro desses grupos e concomitantemente de escoação cultural, propagação, citemos a Galeria Ouro Fino, a Galeria do Rock e as feiras alternativas, em especial o Mercado Mundo Mix.
Atuando nesses espaços tínhamos André Meyer, Zuba e uma nova safra de profissionais em formação. Uma profissional bastante ativa, trabalhando sempre com inovações – no que concerne a prática de modificar o corpo - Zuba, que dividia seu trabalho atendendo em sua loja e no Mercado Mundo Mix, aponta que o grande responsável pelo "*boom"* do piercing no começo dos anos 90 tenha sido o MMM. Falando em feiras alternativas, a década de 90 acentuou a "popularização" destas, como o próprio Mundo Mix que passou a

[76] CAMPELLO, Rachel. A tribo da noite. Revista Veja, São Paulo, 31 Março de 1999.

[77] Durante a pesquisa foram consultados diversas edições do ano 2000 até 2004.

acontecer no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Campinas e em outras partes do Brasil. Seguindo o sucesso mercadológico do Mix, tivemos a feira Babilônia no Rio e edições em São Paulo. Por fim, também em São Paulo, o Mambo Bazar.[78] Jair Mercancini e Beto Lago, que juntos criaram o MMM[79], vão falar que a proposta é atender pequenas marcas e colaborar com quem está começando no "mondo fashion". A única exigência é a exclusividade, ou seja, o expositor não poderia participar de outras feiras além da deles. Com o sucesso evidente, o evento passou a acontecer quase todos os fins de semana e "precisamos contar com a participação da maioria", explica Mercancini.

A feira Babilônia Hype que fazia parte do calendário cultural carioca, chegou em São Paulo em Maio 1998 no Jockey Club[80], com planos de acontecer edições mensais até Dezembro daquele ano. Fernando Molinari que idealizou o evento junto com Robert Guimarães traçando aproximações comparativas do evento mais à "Praça Benedito Calixto do que para o Mercado Mundo Mix". Molinari explica que o "hype" leva uma conotação mais próxima do espírito hippie do que propriamente com o que estava em voga.

A feira tinha espaço para a tatuagem de henna e os corpos que desfilavam pelo espaço carregavam bastantes informações, sinais de que essas feiras colaboraram com a propagação de uma estética de corpos tatuados, perfurados, queimados, em suma, modificados. Tatuagens, piercings, alargadores e surfaces coabitavam os corredores entre os expositores.

O impacto causado por essa estética nova, por essas tribos e esses novos centros comerciais, na sociedade era forte. Jovens da classe média alta trocaram roupas de marcas tradicionais como a Ralph Lauren, Armani, por peças do Mercado Mundo Mix.

As feiras não só abriram um mercado para o mundo "alternativo" ou "*underground*", mas também lançou muitos talentos da moda brasileira, a exemplo de Alexandre Herchcovitch, Marcelo Sommer e Jum Nakao, que hoje são nomes bastante fortes no meio da moda mundial.

---

[78] PRECIOSO, Vinícius. Mercados alternativos têm espaço. Folha de São Paulo, São Paulo, 01 Novembro 1998.

[79] Abreviação utilizada para falar sobre o Mercado Mundo Mix.

[80] SANTOS, Valmir. Babilônia Hype evoca espírito hippie. Folha de São Paulo, São Paulo, 01 Agosto de 1998.

Se o Mundo Mix - assim como as outras feiras citadas -, teve sua responsabilidade na influência nas body mods brasileiras, outros lugares que sem dúvida alguma marcaram fortemente São Paulo, foram a Galeria Ouro Fino, localizada na Rua Augusta sentido Jardins (parte nobre da cidade) e, ainda, a Galeria do Rock na parte central paulista. As feiras alternativas ou Galerias nos leva a refletir acerca do impacto destes eventos sobre o corpo nas décadas de 80 e 90. Como coloca a autora do livro "Enfeitada de Sonhos", Elizabeth Wilson:

"Em todas as sociedades , o corpo é <<vestido>>, e em todo o lado as roupas e os adornos têm um papel simbólico de comunicação e uma papel estético."[81]

Assim sendo não é significativo criar grandes distinções entre adornos corporais e moda, uma vez que ambos atuam efetivamente sobre o corpo.

"Podemos nós partir do princípio de que os limites e fronteiras do corpo humano em si são coisas evidentes? Terminará o <<corpo>> na pele ou deveremos incluir também o cabelo, as unhas? ... E quanto aos desperdícios corporais?...Certamente que as artes decorativas corporais, tais como as tatuagens, as escarificações, as modificações cranianas e as pinturas corporais também devem ser tomadas em consideração... (e) também nos foi mostrado que não é significativo (nem correcto) distinguir de forma acentuada as decorações corporais e os adornos por um lado, e o vestuário que envolve o corpo, por outro."[82]

Em 1831 o antropólogo Thomas Carlyle estabelecia em seus estudos a ruptura com a crença de que o traje é algo para unicamente proteger do calor ou frio e compreendeu o poder de comunicação que a indumentária propõe historicamente.

"O primeiro objectivo do vestuário... não foi o aquecimento e a decência, mas sim o ornamento.... para se enfeitar [o Selvagem] tem de usar roupas. Entre os povos selvagens encontramos tatuagens e pinturas, mesmo antes de existirem roupas. A primeira necessidade espiritual de um homem bárbaro é a Ornamentação, como de

[81] WILSON, Elizabeth. Enfeitada de Sonhos, 1989, p. 13.

[82] Ibidem, p. 13.

facto observamos entre as classes bárbaras dos países civilizados." (CARLYLE apud WILSON, 1989,

Tal pressuposto vai de encontro com a idéia de Marcel Mauss sobre as necessidades que emergem do próprio corpo social e ao mesmo tempo nos levar a refletir que as modificações corporais tenham sido a forma mais antiga de "vestuário".

"As formas mais antigas de <<vestuário>> parecem ter sido os adornos, tais como as pinturas corporais, os enfeites, as escarificações (cicatrizes), as tatuagens,as máscaras e fitas que apertavam o pescoço ou a cintura. Muitos desses adornos deformavam, reformavam ou modificavam de alguma maneira o corpo. Os corpos de homens e de crianças, e não só os da mulheres, eram alterados – parece existir o desejo muito espalhado de transcender as limitações do corpo".[83]

A necessidade de mudança imagética do indivíduo que surge nos anos 80 ganhou uma solidez bastante forte na década de 90, expressando-se através do poder semiótico da moda, sendo esta insuficiente e tão logo a "necessidade" de diferenciação tangenciando o corpo. Novos conceitos, novos padrões e novos critérios demarcaram o fim do século XX.

"Por outro lado, ideais de beleza que na verdade são conduzidos pela intensidade e pelo estranhamento fazem-se necessários, especialmente na moda, quando existe uma necessidade de alterar os valores do olhar, isto é, do critério estético"[84]

Suzana Avelar, pag. 33.

Vimos a emergência de uma moda nacional através de estilistas que alcançam um destaque internacional. Interessante pontuar que os criadores de moda da década de 90 propuseram novos conceitos no que concerne a visibilidade do corpo, como exemplo do brasileiro Alexandre Herchcovitch, os

---

[83] WILSON, Elizabeth. Op. Cit.

[84] AVELAR, Suzana. A comunicação da moda na era da globalização. São Paulo: PUC, 2000, p. 33. Dissertação de mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

ingleses Vivienne Westwood e Alexander McQueen, assim como o desconstrutivismo proposto pelos japoneses e belgas. Uma moda que buscou "esconder o rosto, exagerar as formas do corpo" e até mesmo criou novas formas tornaram-se bastante comuns. É interessante refletir sobre o estranhamento que a roupa proporciona, como coloca Elizabeth Wilson que uma "*parte da estranheza das roupas da sensação que elas tem vida própria reside no facto de elas ligarem o corpo biológico com o ser social, e o público com o privado. Corpo humano como algo além de uma entidade biológica!"* Destacamos que a moda dinâmica propõe tendência e ao mesmo tempo faz leituras do que acontece nas ruas e no cotidiano, para empregar em seus conceitos. Durante a respectiva periodização observamos uma maior freqüência e visibilidade dos desfiles de moda, não a toa, vimos o "nascimento" do Morumbi Fashion e do PhytoErvas Fashion, que originaram o que é o hoje o São Paulo Fashion Week, que vem compondo o calendário de moda internacional e assim firmando uma tendência.

A moda passa a servir o ser humano e ao contrário a reciprocidade é verdadeira, como demonstra a fala de Suzana Avelar:

> *"A moda é feita para servir ao ser humano (ainda que alguns sirvam a ela cegamente), logo, como satisfazer a um ser tão complexo e cheio de contradições, e mais, a desejos que são puramente ligados ao corpo? Corpo este que, além de tudo, está indissoluvelmente ligado à mente e ao espírito?"* (AVELAR, 2000, p. 40)

A moda proposta pela década de 80 e 90, acima de tudo, acompanhou e fomentou o desejo individualista do ser humano pós moderno e buscou "ultrapassar a lógica de moda anterior", com uma maior exibição do corpo como pontua Suzana Avelar[85]. O imaginário – social e cultural - do século XX ainda é carregado de um pensamento burguês industrial do século XIX, como cita Hobsbawn:

> *"Esta dualidade entre solidez e beleza expressava uma grande divisão entre o material e o ideal, o corpóreo e o espiritual, muito típica do mundo burguês, já que o*

[85] AVELAR, Suzana. Op. Cit., p. 108.

espírito e a idéia dependiam da matéria e podiam ser expressos somente através da matéria, ou pelo menos através do dinheiro que pudesse comprá-la."[86]

Portanto, segundo Avelar, teremos a moda como uma cultura material:

"A sobreposição de técnicas e de culturas, somada à necessidade do bem que o capital pode adquirir e ao desejo de surpreender, torna a moda uma cultura material de grande potência."[87]

Assim sendo, quando a moda alcança o status de cultura material, o sujeito passa ser aquilo que ele "consome", que consequentemente será evidenciado através de seu corpo, aqui então, como transmissor simbólico. Começamos então a delinear o perfil do público consumidor da modificação corporal no Brasil durante as décadas de 80 e 90. A *Revista da Folha* de 20 de Setembro de 1998 trouxe uma matéria-editorial de moda por Patrícia Carta, denominada "Galera da Galeria". Cabelos coloridos, moicanos, dreadlocks, tatuagens e piercings era o que compunham o visual dessa "galera". Pequena amostra do público que consumia a body mod em seu início no Brasil: jovens, classe média alta e alguns empresários.

A personagem que ilustrava essa matéria e que também estava presente na *Revista da Folha* de Outubro de 1998 era Veruska Sgissardi (30 anos) dona de uma loja que vendia roupas e acessórios para festa Rave. O tema do jornalista Paulo Sampaio era "É "*in*" estar "*out*", mencionando os brasileiros que viajam o mundo e incorporam hábitos estrangeiros. Veruska narrou sobre sua paixão em viajar para Ásia em pontos como Katmandu e Goa. Enquanto que a sua irmã – também entrevistada - disse que morar no Brasil a estressa e conta sobre sua vivência em uma comunidade em Bayron Bay na Austrália.

Outra "personagem" dos anos 90 é Ana Gelinskas. Tatuada, cabelos coloridos, piercings e uma beleza clássica ilustrou capa de revistas, editoriais

---

[86] HOBSBAWN, Eric. A era do capital. São Paulo: Paz e Terra, 1977. p. 243.

[87] AVELAR, Suzana. Op. Cit., p. 108.

de moda e trabalhou como *hostess* de casas noturnas.

> *"Ana, a nossa Sophie Dahl clubber, é a nova porta do Lov.e in Paradise, filha de diplomatas, viajada e estudante da USP."*[88]

Fortalecendo nossa afirmação de que a acepção da *body modification* contemporânea "retornou", inicialmente através de uma classe média brasileira.

Um outro fenômeno social e cultural bastante impactante deveu-se ao aparecimento das tribos urbanas e a modificação corporal no Brasil na década de 90, com a "chegada" do consumo dessas práticas por uma camada social de classe baixa.

A música eletrônica não foi facilmente assimilada em fins dos anos 80 e começo dos 90, e tão pouco a nova estética proposta pela cultura *clubber*. Porém, quando ela foi assimilada, alcançou muitos espaços públicos, inclusive a periferia paulistana.

Com isso, nasce uma nova terminologia para definir o sujeito de baixa renda, que mora na periferia, freqüenta *clubs,* consome música eletrônica e modificação corporal: o cybermano[89]. Analogias ao "mano" do rap, da favela, da comunidade e o *cyber* por conta da música. Aparentemente a terminologia foi empregada de uma forma pejorativa, de colocar o sujeito da periferia como inferior. Classificar um grupo desclassificando-o imediatamente.

Em reportagem "*Cybermano, mano*" na *Revista Venice*, a jornalista Claudia Grechi deprecia em seu texto o novo personagem suburbano:

> *"De dia um comportado Office-boy... Todas as manhãs, Alexandre 15 anos, deixa o bairro da Pedreira, onde mora, para o trabalho. Nas tardes de 6ª e sábado gasta horas se produzindo. Só no rosto são 4 brincos para colocar. ... De noite um clubber modernoso."*

---

[88] PALOMINO, Erika. Noite Ilustrada, Folha de São Paulo. São Paulo, 20 Agosto de 1999.

[89] Termo para nomear o *clubber* de periferia, quase sempre utilizado de forma pejorativa.

A respectiva matéria tratava da "vida dupla" do jovem cybermano, que durante a semana trabalhava e às noites de final de semana se produzia e saia para ouvir música eletrônica. Como se a população de classe média - que não habitasse a periferia - não tivesse que trabalhar durante a semana e também aproveitar o final de semana para sair. A forma depreciativa foi estendida no mesmo artigo com o texto:

"Muito longe do eixo Nova York-Londres, Alexandre mora com a família em uma casa em Pedreira, bairro periférico de São Paulo, não fala inglês, não costuma ler as The Face da vida, não freqüenta raves em Goa e mal sabe se Ibiza fica na Espanha, nos Estados Unidos ou em marte. Gasta quase todo seu salário em roupas e noitadas não só como diversão, mas também como a <u>única forma viável de se manter antenado com o que acontece no chamado "mundinho moderno"</u>. (grifo nosso)

O texto da jornalista Claudia, deflagra e explicita o pensamento burguês dentro de um "movimento" de contracultura que se julga moderno. Como se atitudes e necessidades comuns aos adolescentes e jovens, fossem exclusivas dos que vivem na periferia ou pertencessem às classes mais ricas. Se a terminologia empregada é questionável, por outro lado o que não se questiona é que justamente esse grupo de jovens pobres vão popularizar a música eletrônica e suas relações corporais na periferia. Ideia que o texto declaradamente repleto de preconceito de Claudia Grechi partilha:

"A verdade é que esses garotos e garotas da periferia andam levando a música eletrônica e estilo (mesmo que duvidoso) à lugares antes conhecidos como <u>redutos de bandidagem</u>, pagode e <u>atraso</u> e, de quebra, introduzindo o que antes era "coisa de vanguarda" em meios populares mesmo que com alguns desvios de antenação."
(Grifos nossos)

Se o artigo foi encerrado com um ligeiro humor, onde a jornalista imita a forma "errada" falada pelo cybermano, Claudia apresenta os dois lados da piada, utilizando diversas vezes e erroneamente a palavra "pierce"[90], para definir a modificação dos jovens.

A mesma edição da revista trouxe uma matéria sobre música eletrônica com os

[90] O emprego utilizado por todos os profissionais sempre foi body piercing ou piercing.

clubbers da classe média, esta recebendo uma conotação de que estes são legítimos, jovens empresários, djs famosos, modelos e etc. No que concerne a imagem dos corpos, apresentados na revista, cabe destacar o casal de Dj's Ana e David, que se mostravam bastante tatuados e com piercings diversos espalhados pelo corpo.

A jornalista Erika Palomino, que freqüentemente narrava as maravilhas européias e fazia convites para que visitássemos Ibiza – como se fosse na próxima esquina -, afirmou em sua coluna "*Noite Ilustrada*" que cybermano "*NÃO é uma terminologia pejorativa, é assim que eles se chamam também*" (sic). Provavelmente, ela afirmou sem fazer nenhuma análise social do emprego que por sua vez é claramente carregado de preconceito contra o pobre e o morador da periferia, reafirmando um discurso que coloca esses grupos como sinal de atraso.

A perseguição ou resistência da entrada desta "nova cultura" ou "nova maneira" de se relacionar com o corpo na periferia se manifestou também de forma violenta. "Ocorre muita perseguição, quem mais cria confusão são os skatistas, eles chamam a gente de travesti e até tentam bater na gente", diz Romário na matéria "*Movimento clubber ganha as ruas. Adolescentes trocam o rap pelo tecno e "fashion" vira palavra de ordem*" no "*SP variedades*"[91]. No mesmo artigo há uma tabela com o perfil do "clubber da periferia" e do "clubber playboy", valendo a pena prestar atenção no que concerne o item acessórios. "Piercing e tatuagens" para o periférico e para o "playboy" carro picape, presilha tic tac, óculos cyber, relógio Bulgari". Colocamos em questão o que foi avaliado para tal conclusão.

Em contraste do jovem da periferia que trabalha e gasta seu salário para "se fazer" com roupas, vamos ter relatos de pessoas que gastavam R$1000,00 para compor guarda-roupa, enquanto a mesada era de R$500,00[92].

Se por um lado o "movimento" clubber nos denuncia um embate social, o ponto comum está no olhar de reprovação que a massa da sociedade vai repousar sobre o clubber – seja da periferia ou não - e todas as suas intervenções, seja

---

[91] LEMOS, Antonina; MELLO, Christina Álvares de. SP Variedades, Jornal da Tarde. São Paulo, 12 Janeiro de 1998.

[92] CAMPELLO, Rachel. A tribo da noite. Revista Veja, São Paulo, 31 Março de 1999.

pela música, pela moda , sexualidade, consequentemente como pelo seu corpo.

"Meus pais acham que sou assim por ser infeliz. Como se fosse para agredi-los. Mas a felicidade não se julga pela aparência."[93]

Observamos em relatos de jovens que praticam as modificações corporais – fossem nas entrevistas ou nos vastos documentos consultados -, que estes sofrem críticas, em suma, relacionando sua estética corporal aos distúrbios mentais, insatisfações e um ódio de si e do outro, categorizando-as como práticas anti naturais. Como indica a entrevista do site *Lost Art* com Roberto Medeiros:

"- Você tem alguma insatisfação com seu "estado natural"?
- Não existe um "estado natural" – você cresce, escolhe seu corte de cabelos, suas roupas, modificações, etc. Não há diferença entre uma pessoa modificada, com tatuagens, implantes, e uma modelo lipoaspirada, com próteses de silicone e bronzeamento artificial. Os motivos variam de pessoa para pessoa e de modificações para modificações. Minha cicatriz da mão, por exemplo, não tem nenhuma relação com minha língua."[94]

Roberto relata que começou a se modificar através de tatuagens em 1997. No ano da entrevista, 2002, tinha a língua bipartida, escarificações nas mãos, o símbolo do BMEzine.com tatuado no pescoço e diversos piercings.

Seja através da música ou das tribos urbanas, nos ficou claro a força desse fenômeno social dentro do espaço da cidade. A questão da urbe é deveras significativa para proliferação da *body modification* no Brasil, ainda mais pensando no recorte geográfico que nossa pesquisa se circunstanciou, a megalópole São Paulo.

Em artigo no Jornal da Unicamp, João Batista César estabelece que a modificação corporal:

---

[93] Bianca Gattoni, 19 anos, body piercer. Depoimento retirado do artigo "*A tribo da noite"* de Rachel Campello para a *Revista Veja* de 31 de Março de 1999, já citada anteriormente.

[94] Disponível em: http://www.lostart.com. Acesso em : 07 Novembro de 2010.

"Desenvolve-se principalmente nas grandes cidades, porque existe uma relação estreita com a banalização do corpo, a violência, as novas relações criadas por meio do computador e do telefone celular."

De imediato concordamos que a prática desenvolve-se em grandes cidades, nossa pesquisa apontou nesta direção. Até mesmo analisando a maior concentração populacional que tais lugares oferecem. Em suma, uma população circulante, ou seja, que entra e sai trazendo e levando algo "novo", que pode ser inclusive releituras do "velho". Mas discordamos no que concerne os apontamentos negativos relacionados à aproximação da banalização do corpo com a violência urbana. Com a globalização nenhum caso social é tão isolado, logo, uma possível banalização do corpo ou a violência são situações que qualquer espaço geográfico está sujeito. Sem nos esquecermos do nomadismo possibilitado pela internet, que permite que uma pessoa esteja plenamente conectada com o mundo, sem necessariamente precisar viver dentro de uma grande cidade.

Assim, afirmamos que a modificação corporal se desenvolveu de forma mais preponderante em grandes cidades por conta das estruturas físicas[95] existentes nesse espaço, pela maior movimentação populacional, de informações, tão logo, social, cultural e política.

Não nos esquecendo que modificar o corpo – ainda que "seguindo" certos padrões construtivos temporais e espaciais – sempre foi algo natural ao ser humano. Mas quando se trata da prática da modificação corporal ocidental contemporânea as pessoas parecem simplesmente renegar esse pressuposto da "natureza humana".

O body modifier Jon Cobb, em entrevista para Shannon Larrat em 1996/97, cita que modificar o corpo é uma "coisa humana muito natural – decorar e tratar com carinho."

Se a tatuagem já existia e passou a se popularizar junto com a chegada do body piercing nos anos 90, em um curto espaço de tempo, assistimos consequentemente profundas transformações nesse cenário. Se os anos 80 foi o incunábulo das práticas da body mod moderna no Brasil, a década de 90

[95] Exemplificamos como Universidades, Centros Culturais, Casas Noturnas, Cinemas, Teatros e etc.

marcou por ser desmistificadora e ao mesmo tempo abrangente em todo o Ocidente.

.

"Os anos 90 podem ser lembrados como a década desmistificadora da tatuagem, da música e da moda, principalmente no Ocidente. A música pop e a tatuagem sempre tiveram uma forte relação por serem ícones da rebeldia jovem. É curioso ver o estreitamento dessas ligações com o decorrer do tempo: os roqueiros seminais que possuíam tatuagens eram incentivados pelos seus empresários a escondê-las, no intuito de evitar algum "atentado à moral"; enquanto hoje até as boy-bands já expõem suas tattoos sem problemas. Na moda a situação era um pouco mais complicada. Marcar o corpo definitivamente era quase uma heresia para as modelos, além do que a tatuagem refletia uma estética marginal que não combinava com o glamour. Com o aparecimento da cena grunge (rapidamente incorporada pela moda), a "volta do punk" e a busca por uma estética nova, em oposição ao exagero pomposo dos anos 80, a tatuagem recebeu logo o status de "acessório indispensável".[96]

Embora a década de 90 possibilite uma quebra de paradigmas, a resistência contra aquilo que é "novo" e/ou "diferente" esteve bastante presente como citamos anteriormente. Assim sendo, os piercers Zuba, André Meyer e outros que passam a atuar nesse período se surpreenderam com a Lei 9828/97[97] de

---

[96] BERNARDINO, Adriana; VAUGHAN, Daniel. Especial Moda e Música. RevistaTatuagem Arte & Comportamento, Ano III, nº 29, São Paulo.

[97] **Lei 9828/97 | Lei nº 9.828, de 06 de novembro de 1997 de São Paulo**

Estabelece proibição quanto à aplicação de tatuagens e adornos, na forma que especifica (Projeto de lei nº 44/97, do Deputado Campos Machado - PTB)

O Presidente da Assembléia Legislativa.

Faço saber que a Assembléia Legislativa decreta e eu promulgo, nos termos do artigo 28, § 4º, da Constituição do Estado, a seguinte lei:

Artigo 1º - Os estabelecimentos comerciais, profissionais liberais, ou qualquer pessoa que aplique tatuagens permanentes em outrem, ou a colocação de adornos, tais como brincos, argolas, alfinetes, que perfurem a pelé ou membro do corpo humano, ainda que a título não oneroso, ficam proibidos de realizarem tal procedimento em menores de idade, assim considerados nos termos da legislação em vigor.

Parágrafo único - Excetua -se do disposto neste artigo a colocação de brincos nos lóbulos das orelhas.

Campos Machado que proibiu tatuagens e a colocação de adornos em menores de 18 anos.

Com um discurso bastante totalitário e conservador, o então deputado do PTB afirmava "*que era preciso fazer algo para preservar o futuro de nossos jovens*" e que o Estado "tem a obrigação de tutelar a sociedade"[98]. Assumindo seu preconceito contra as tatuagens e piercing, endossa seu texto dizendo que os pais coniventes eram irresponsáveis.

"Uma moça com dois brincos no nariz me causa repulsa"
Deputado Campos Machado

O preconceito institucionalizou-se por lei como muito bem colocou o estudante de 16 anos, Felipe Lisot, na mesma matéria da revista *Veja*.

Como já dissemos anteriormente, se era comum a prática do "faça você mesmo" entre a comunidade body mod, com a lei Campos Machado a tendência foi aumentar. Além da abertura de um mercado clandestino que aumentou seriamente o risco de infecto-contaminação e problemas no que

---

Artigo 2º - Caberá à Secretaria da Saúde a fiscalização e o estabelecimento dos meios necessários para a aplicação da presente lei.

Artigo 3º - O não -cumprimento da exigência desta lei implicará no fechamento definitivo do estabelecimento, quando for o caso, e na responsabilidade dos agentes quanto à infringência dos artigos 5º, 17 e 18 da Lei Federal nº 8.069 (1), de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Artigo 4º - O Poder Executivo regulamentará esta lei no prazo de 90 (noventa) dias da data de sua publicação.

Artigo 5º - As despesas resultantes desta lei correrão à conta de dotações próprias do orçamento -programa do Estado, suplementadas se necessário.

Artigo 6º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, aos 6 de novembro de 1997

a) Paulo Kobayashi - Presidente.
Publicada na Secretaria da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, aos 6 de novembro de 1997
a) Auro Augusto Caliman, Secretário Geral Parlamentar
a) Auro Augusto Caliman, Secretário Geral Parlamentar

[98] VARELLA, Flávia. É proibido permitir. Revista Veja, São Paulo, 19 Novembro de 1997. Sendo possível o acesso ao artigo via *web*. Disponível em: http://veja.abril.com.br/191197/p_127.html. Acesso em: 07 Novembro de 2010.

concerne a prática de tatuagem e adornos em menores de idade. Andar pelas ruas do centro de São Paulo na década de 90 era ver com os próprios olhos a comprovação do que dissemos acima. Inúmeros tatuadores espalhados por calçadas a espera do próximo cliente. Como vimos no relato da body piercer Zuba:

> *"Outro dia veio uma garota com uma jóia no umbigo suja a perfuração foi feita na rua, pois ela era menor e esse era o único jeito."* [99]

A piercer endossou na mesma publicação dizendo que "*a falta de união entre os profissionais foi um fator positivo na aprovação da lei*." Além da criação de leis que teoricamente proíbem a prática aos menores na cidade de São Paulo, vimos proibições dentro de unidades escolares e dentro do ambiente profissional. São inúmeros os relatos de pessoas que não conseguiam emprego por conta de uma tatuagem ou piercing. Mesmo se a tatuagem era escondida, quando chegava a hora do exame médico admissional, a pessoa era barrada na contratação, alegavam que o sujeito não tinha o "perfil" da empresa.

Um dos contestadores da lei Campos Machados foi o então deputado estadual do PSDB Alberto "Turco Loco". Além de discursar contra a lei, dizia que "o colégio que não deixa um aluno entrar com brinco não pode ensinar nada para ninguém, é um mau exemplo".

Ainda que houvesse sinais de uma forte tensão na "aceitação" da prática da modificação corporal durante esse período, vimos amostras claras de que havia uma corrente muito forte que considerava a prática legítima. A exemplo do Museu da Imagem e do Som, que em 98 teve uma "micromostra" de vídeos sobre body mod, dentre eles, "*Ink, Needles and Pleasure*" de Edu Mendes, que trouxe depoimentos de tatuados no estúdio do André Meyer em 1994 e terminava com uma exibição passo-a-passo do piercer. "O mistério do Tattoo afrodisíaco e do Piercing Obsceno", que é um vídeo com uma sucessão de

[99] VAUGHAN, Daniel. Proibida pra mim. Revista Tattoo Art, Ano 1, N° 1, São Paulo, p. 12-15.

pessoas colocando piercings em várias partes do corpo no Studio Zuba, dentro do Mercado Mundo Mix. Por fim, "*Um caso de body art*", um documentário sobre o trabalho do Santiago Nazarian[100], que se auto-mutilava (com cortes no corpo) para extrair reações das pessoas na rua. Ainda no MIS, o ano de 98 teve a exposição "*Elos e Perfurações – Body Piercing no Brasil*" reunindo cerca de 70 trabalhos de fotografia retratando de *clubbers* aos índios.[101] Ainda que já tenhamos nos enveredado em breves discussões sobre recepção e aceitação das práticas na sociedade, a seguir iremos avançar ainda mais na discussão.

[100] Escritor e tradutor brasileiro, que teve um trabalho com body art.

[101] DECIA, Patrícia. MIS deixa o piercing brasileiro à mostra.Folha de São Paulo, São Paulo, 04 Outubro de 1998.

Recepção: corpo-estranho na sociedade

"I am not an elephant! I am not an animal! I am a human being! I am a man!"[102]

John Merrick – The Elephant Man[103]

"Porque eu vejo que existe muito preconceito e o meu maior temor é que ele(a) possa sofrer algum tipo de violência"

Fragmento de entrevista em campo

"People see my Om neck brand and they understand they aren't dealing with something from their world, in the sense that when an Indian woman walks into a deli with a large nose ring and a bindi, most Americans aren't going to walk up to them and say "didn't that hurt? What's your mother think". Intuitively they know that she is not from around here. We are not cut from the same cloth."[104]

Jon Cobb

Cabe mencionar que a recepção leviana acerca da *body modification* se constituiu de forma questionável não só no Brasil, como mostra o texto "*Crônicas do individualismo no cotidiano*" de Contardo Calligaris do ano 1996:

"Engraçado que tudo isso chegue agora em tantas conversas em Nova York, e espalhe-se na imprensa, quer seja em um tom de horror ("Olha o que estão fazendo com seus próprios corpos") ou com um tom de desprezo ("Ah, são só um bando de marginais, primitivos modernos, alienados ou rejeitados por uma América que se torna cada vez mais exclusivamente high-tech")

(CALLIGARIS, 1996, p. 110.)

---

[102] Tradução livre: Eu não sou um elefante! Eu não sou um animal! Eu sou um ser humano! Eu sou um homem!

[103] LYNCH, David. *The Elephant Man*. [Filme-vídeo]. EUA, 1980.

[104] Tradução livre: As pessoas vêem a minha marca do OM no pescoço e elas entendem que não estão lidando com algo de seu mundo, no sentido de que quando uma mulher indiana entra em uma lanchonete, com um grande anel no nariz e um bindi, a maioria dos americanos não vão chegar até ela e dizer: "não doeu? o que a sua mãe acha?". Intuitivamente eles sabem que ela não é daqui. Nós não somos cortados do mesmo pano (expressão norte-americana).

Calligaris reafirma em seu artigo o preconceito, nos colocando defronte a recepção hostil com que as modificações corporais eram recebidas pela sociedade em fins do século XX. Selecionamos as curtas citações de forma bastante proposital para denunciar pontos críticos da pesquisa no que concerne à recepção das práticas nas décadas de 80 e 90, escolhemos a frase de John Merrick no filme *The Elephant Man*, para denunciar a recepção desumanizadora e desmoralizadora dos praticantes da modificação corporal moderna. O premiado longa metragem de 1980 foi baseado nos manuscritos "*The elephant man and other reminiscences*" do Sir Frederick Treves e em partes do "*A study in human dignity*" de Ashley Montage. A história verídica tratava sobre a vida do inglês John Merrick (cujo nome real era Joseph Merrick, que viveu de1862 a 1890), portador de uma doença que criou deformações em 90% de seu corpo. Por conta disso John era exibido como "*a versão mais degradante do ser humano*" em um circo em Londres e "tratado" realmente como um animal. Como também mencionamos em relação ao filme *Freaks*[105]. O corpo humano doente de John causava repulsa na sociedade inglesa e uma resistência que aparecia em forma de brutal violência. Exceto pelo tratamento do Dr. Treves que ao encontrá-lo no circo, o retira de lá e inicia um tratamento para aliviar sua doença e suas dores físicas e sociais em uma unidade hospitalar em Londres. John é um exemplo de desumanização e nos leva a refletir a forma com a qual a sociedade tratou e trata determinados tipos de corpos.

A recepção desses corpos alterados, indica que uma pessoa que interferiu por vontade própria no corpo perde o caráter e o direito de ser humano. É como se através de uma tatuagem ou escarificação ela estivesse perdendo todos atributos positivos de um sujeito, se é que um dia tivesse havido algum. Como já vimos, serão estabelecidas relações entre modificação corporal com distúrbios mentais e marginalidade, culminando em uma violência que se dá de forma física e psicológica e que aparentemente está distante de ter um fim. Em 2009 na África do Sul, uma adolescente foi morta pelo próprio

[105] BROWNING, Tod. *Freaks*. [Filme-vídeo]. EUA, 1932.

pai por ter feito um piercing na língua.[106] O que nos leva a refletir na fala de Jon Cobb, quando afirma que a "*civilização cria alguns círculos radicais de insanidade*".

Falando em relações entre pais e filhos, obtivemos diversos relatos durante a pesquisa da não aceitação familiar e dos diversos conflitos que a body mod gera dentro desse âmbito. Ao mesmo tempo, em entrevistas com pais de filhos que possuem modificações corporais, levantamos a questão do que causa mais receio em relação aos processos corporais de seus entes, a resposta é a de que eles sofram algum tipo de violência física e psicológica por conta de preconceito. A preocupação não é inteira desfundamentada, uma vez que que assistimos a(s) sociedade(s) banir(em) - e principalmente no século XX - aquilo que é "diferente" ou o que foge de uma regra padrão, de forma violenta e cruel.

Assim sendo, é necessário estar preparado para se fazer certas modificações, principalmente para as mais visíveis como os implantes faciais ou a tatuagem no pescoço, mãos e/ou rosto. Indubitavelmente exige um amadurecimento de quem as fazem. Jon Cobb falando da dificuldade em ter *body mods* na década de 90, mas que ainda se faz relevante:

> *"It's a very tough road and you'd better be prepared to make sacrifices and not value material things, <u>but people</u>."*[107] (grifo nosso)

Perder pessoas, romper relacionamentos é o preço que muitos tiveram e tem que pagar por ser diferente. Mas quem é igual? O discurso de que somos todos iguais é a maior falácia já dita em todos os tempos. Podemos ser parecidos, mas assim como a estrutura de um floco de neve, não somos iguais. Não há um sujeito que seja completamente igual ao outro. Somos todos diferentes de algum modo e isso não deveria nos causar nenhum prejuízo social.

---

[106] Disponível em: http://www.iol.co.za/news/south-africa/girl-killed-for-tongue-stud-1.463332. Acesso em: 07 Novembro de 2010.

[107] Tradução livre: É um caminho muito difícil e é melhor você estar preparado para fazer sacrifícios e não de coisas de valor materiais, mas pessoas. Para o BMEzine.com.

"- Você se considera uma pessoa diferente visualmente e espiritualmente?

- Não sei. Vejo muita gente infeliz por aí, fazendo o que não gosta só para ganhar dinheiro, eu faço o que gosto, não ganho muito dinheiro mas não preciso por já faço as coisas das quais gosto. Visualmente todo mundo é esquisito, dependendo de quem olha."[108]

O que acreditamos já ter deixado claro com o respectivo estudo é o poder histórico e simbólico de comunicação do corpo e as alterações de paradigmas no tempo e espaço que o mesmo sofre. O belo, o feio, a dor e o prazer vão sofrer constantes alterações e o que é considerado de extrema beleza hoje, pode ser repudiado em questão de meses (dias?).

"A linguagem serve para comunicar. Mas comunicar, para os humanos, não é somente transmitir informações. Frequentemente, fala-se para não dizer nada, ou diz-se o contrário do que se quer realmente dizer, ou ainda o que o interlocutor já sabe."

Marina Yaguello – linguista francesa

Discutir a resistência e o estranhamento causado pela modificação corporal na contemporaneidade é no limite cair num campo de profunda complexidade, pelo aceleramento das alterações de significados propiciado pela sociedade pós-moderna e ao mesmo indispensável, visto o histórico de tentativa de silenciamento e negação das práticas, com sua legitimidade cultural e respeitabilidade como fenômeno social.

O estranhamento que tais práticas causavam na sociedade foi o que atraiu a atenção de Beatriz Ferreira Pires em sua dissertação de mestrado "*O corpo como suporte da arte*" na Unicamp. Ela focou sua pesquisa em

[108] Entrevista de Priscilla Davanzo para o site Neoarte.net acessado em 23 de Abril de 2002.O material não se encontra mais disponível na *web*, assim sendo, consultamos o documento impresso.

modificações que alteravam radicalmente a silhueta humana, segundo apontou João Batista César.[109]

A pesquisa de Beatriz discute o que difere os implantes adquiridos pelos praticantes da modificação corporal, daqueles incorporados pela moda, a exemplo do silicone mamário. A autora afirma que um segue padrões sociais vigentes, enquanto que outro vai construir formas não humanas, "*dá a sensação de que a transformação é inata, de que o indivíduo é fruto de uma mutação genética ou de que pertence a outra espécie*" diz Beatriz.

Cogitar em extinguir tais grupos, que interferem em seus corpos por vontade própria, é automaticamente querer eliminar um legado histórico de uma validade bastante genuína.

O corpo humano é matéria viva em constante transformação e não deveria haver uma hierarquização do que é válido e do que não. Muitas vezes, se tratam de formas de se relacionar com o sagrado, com o belo ou ainda com o próprio *self*, justamente por isso merecem uma análise mais demorada e incansáveis discussões.

O documentário *Modify* (EUA, 2005) dos diretores Jason Gary e Greg Jacobson, vai trilhar seu conteúdo nessas múltiplas possibilidades corporais abordando a body modification, o body building, a drag queen, cirurgias plásticas e maquiagem permanente. Um dos participantes do documentário, Bear, cita a discriminação que há com o sujeito que se modifica, relacionando-o como mau e que consequentemente está fadado a queimar no inferno. Incluímos essa fala para deixar claro que o preconceito está posto em todas as partes do mundo e não só no Brasil como costumam pensar.

A proposta aqui colocada não é a de apresentar nosso estudo sobre a modificação corporal defendendo a validade de práticas como o piercing, a tatuagem, a escarificação e retirando o valor ou criando embates com outras práticas como a cirurgia plástica ou o *body building*, como costuma acontecer. Consideramos que tudo tem a sua validade e que são práticas postas em nossa contemporaneidade - quando levadas ao "exagero" ou "extremo" - que

---

[109] Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/dez2001/unihoje_ju169pag04.html. Acesso em: 07 Novembro de 2010.

irão receber os mesmos olhares de estranhamento e rejeição que o grupo que nos propusemos pesquisar.

Mídia específica

Uma preocupação em nossa pesquisa estava em entender como o entusiasta ou o profissional da modificação corporal obtinha informação sobre suas práticas nas décadas de 80 e 90. Algumas evidências nos apontou que houve uma mídia genérica (que iremos falar no próximo capítulo) e uma específica que começou a se constituir na década de 90. Tão logo, podemos afirmar que os anos 80 - assim como os anteriores – teve uma lacuna no que concerne as mídias específicas.

A primeira revista de tatuagem no Brasil foi a "*Revista MetalHead Tattoo*" lançada pela editora Escala, na metade dos anos 90. A frente da edição, Cesar Nemitz, inaugurou o mercado editorial para a tatuagem e de forma mais tímida para outras técnicas como o piercing, escarificação e implantes. Vale pontuar que ainda hoje não há no Brasil uma revista voltada para as diversas práticas e técnicas da modificação do corpo e que não só a *Metal Head*, mas todas as outras revistas que surgem posteriormente abriram, esporadicamente, pequenos espaços para tratar sobre a escarificação, implantes, entre outras práticas. O que nos denunciou uma resistência às práticas fora do eixo tatuagem e piercing, dentro de um campo que supostamente seria o mais propício para as devidas abordagens.

Analisando as publicações da "*Revista Metalhead*", "*Tatuagem, Arte & Comportamento*" e "*TattooArt*", percebemos que no começo - isto é, na década de 90 - elas eram bastante voltadas e relacionadas aos *choppers* ou *bikers*. A relação com a tatuagem nesse grupo é bastante forte como nos mostra Célia Maria Antonacci, que menciona que o próprio Antonio Stoppa[110], fez parte de um dos primeiros grupos de *choppers* no Brasil. Outro exemplo foi o caso do aposentado e autônomo (tradutor) João Mittwoch[111], nascido em 1935, que começou a se tatuar em 1980 com 45 anos, após ler uma revista de motos na Alemanha Posteriormente o espaço desse grupo foi diminuindo, mas mesmo

[110] Proprietário da loja "*Stoppa Tattoo de Pedra*", a qual Célia Maria Antonacci utilizou para desenvolver sua pesquisa.

[111] Em entrevista ao site neoarte.net em 2002. Material também indisponível na web, todavia, foi consultado a versão impressa deste.

hoje, ainda vemos algumas publicações falando dos eventos e aventuras dos *choppers* pelo mundo.

Mas se as chamadas revistas de tatuagem criaram um mercado editorial e colaboraram para com que esse público pudesse se informar e ao mesmo tempo divulgar suas manifestações, foi através da internet que a grande "revolução" aconteceu.

Ainda que dentro de um cenário internacional, em 1994 surgiu na nômade *web* o site de maior importância e peso dentro do contexto das práticas das modificações corporais contemporâneas, o BMEzine.com. Fundado no Canadá por Shannon Larrat[112].

O BME[113], como é mundialmente chamado, nasceu como um site pessoal onde Shannon pudesse falar sobre as coisas que tinha interesse, e assim ele acabou descobrindo que várias pessoas estavam interessadas nos mesmos assuntos[114]. Assim, o BME colocou a modificação corporal em outro "lugar", reunindo praticantes de todas as partes do mundo e abrigando experiências corporais - textos, vídeos e fotos[115] – das mais diversas formas possíveis e imagináveis.

"We are an uncommon subculture and community built by and for modified people. We are the historians, practitioners and appreciators of body modification. We are the collaborative and comprehensive resource for the freedom of individuality in thought, expression and aesthetic. We serve you and ourselves as a source of

---

[112] No final da primeira década do ano 2000, Shannon Larrat perde os direitos e controle do *website* num processo judicial que envolvia o seu divórcio. Vários membros vão deletar seus perfis no IAM como forma de protesto e diversas transformações passam a acontecer desde então, colocando em cheque o próprio futuro do BME. Atualmente o site é administrado pela ex exposa de Shannon, Rachel Larrat.

[113] Sigla para "Body Modification Eletronic Zine".

[114] Em entrevista exclusiva para Lukas Zpira em 04 de Março de 2009. Cabe mencionar que Shannon já estava fora da administração do BME e não tinha mais direitos legais sobre o *website*. Disponível em: http://hackingthefuture.blogspot.com/2009/03/shannon-larrat-exclusive-interview.html. Acesso em: 07 Novembro de 2010.

[115] Fragmento extraído do próprio BMEzine: "*BME contains the personal body modification experiences of thousands of people all over the planet, in photo and text form. It serves to document the activities of the body modification community in as complete a fashion as possible*." (Tradução livre: BME contem experiências pessoais de modificação corporal de milhões de pessoas de todo o planeta, em forma de fotos e textos. Isto serve para documentar as atividades da comunidade da modificação corporal na forma mais completa possível.).

inspiration, entertainment and community."[116] *(Grifo nosso)*

Dentro do BMEzine.com foi criado o IAM, uma rede social e a grande responsável por proliferar em meses atividades que antes eram vistas como "marginais". Todos os meus entrevistados citam o BME em algum momento de suas falas. Mas como o BMEzine impactou tão profundamente o cenário da modificação corporal brasileira sendo que é um site inteiro escrito em inglês? Como já afirmamos em outros momentos, a modificação corporal no Brasil aconteceu a *priori* num grupo de jovens da classe média brasileira. Eram jovens que, em sua maioria, tinham o domínio do idioma inglês e espanhol, por aprenderem em suas viagens para o exterior ou por estudarem em colégios bilíngües. Outro ponto relevante foi que o website passou ser uma gigante – maior no mundo – galeria de imagens sobre técnicas de modificações, logo, os usuários dispensavam a leitura textual e passaram a "ler" as informações através das imagens que ali estavam expostas. Shannon mencionou este fenômeno como um efeito de mimetismo.

O BMEzine.com e seus "filhotes" ou "braços", IAM, Modblog, BME Encyclopedia, teve um papel fundamental para o crescimento e consolidação da modificação corporal no mundo. Aparentemente o canadense Shannon estava ciente de seu papel, quando afirmou que:

"I think without BME (or some similar site) the body modification world would be a very different -- and much smaller -- place."[117]

Mesmo com o avanço e o frenesi da internet no Brasil em fins da década de 90, tivemos os primeiros *websites* sobre a temática no Brasil na primeira década do ano 2000 e vale frisar que não serão muitos.

[116] Espécie de "*about us*" (sobre nós) do BMEzine. Tradução livre: Somos uma subcultura incomum e comunidade construída por e para pessoas modificadas. Nós somos historiadores, profissionais e apreciadores da modificação corporal. Nós somos os meios colaborativos e de compreensão para a liberdade da individualidade em pensamento, de expressão e estética. Servimos a você e a nós mesmos como uma fonte de entretenimento, inspiração e comunidade.

[117] Tradução livre: Acho que sem o BME (ou algum site similar) o mundo da modificação corporal seria um lugar muito diferente – e bem menor. (Em entrevista para Lukas Zpira, já citada anteriormente.)

Em Outubro de 2001 os fotógrafos paulistanos Louise Chin e Ignacio Aronovich deram vida ao *Lost Art*. Mais que um portfólio eletrônico da dupla, o *site* possibilitou aos internautas conhecer lugares, pessoas e costumes peculiares. Desde o início abordaram temas sobre a body art e a body modification, acompanhados de fotografias e entrevistas bastante interessantes. Apesar de não ser uma mídia específica à discussão da modificação corporal nacional, sem dúvida alguma, se faz necessário destacar sua relevância como canal midiático histórico para a temática aqui tratada, visto a quantidade de registros que não se encontram em outros lugares.
Saindo novamente um pouco no Brasil, mas abordando uma outra mídia que colaborou bastante para a propagação da modificação corporal no mundo, foi a criação da revista e website argentino "*Piel Magazine"* no começo de 2001. Enquanto no Brasil nunca tivemos uma revista que explorasse todas as práticas da modificação do corpo, na Argentina a *Piel* o fez com bastante maestria. Compondo algumas das páginas da revista estavam alguns brasileiros, entusiastas e profissionais. Nas convenções de tatuagem em São Paulo era comum a venda e a circulação da *Piel Magazine*, assim como de seu *staff*, o que nos indicou uma relação bastante tênue entre Brasil e Argentina no que concerne a temática estudada. Em abril de 2004, levando na capa a figura do brasileiro Felipe Klein[118], a revista argentina teve a sua última publicação, se voltando desde então inteiramente para o campo eletrônico, *Piel Magazine Virtual*. Sendo assim, se tornando parecido com um BMEzine, mas com sua própria linguagem, "personalidade" e maior preponderância na América Latina. Em 2002 surge então o primeiro website nacional voltado fortemente para a

[118] Felipe Klein foi um modelo claro de um praticante "extremo" da modificação corporal. Filho de Odacir Klein, um influente político brasileiro, Felipe é mais um exemplo a somar com a premissa de que a prática "reapareça" na classe média nacional. Fez diversas manipulações no corpo, como por exemplo, implantes e nulificações, num período que pouco se conhecia das técnicas no Brasil. Se a prematuridade de algumas experiências corporais de Felipe despertou o interesse da auto-denominada *"body modification community",* sua morte prematura aos 20 anos de idade, gerou um profundo pesar e comoção generalizada de toda a comunidade, no Brasil e no exterior. Em 17 de Abril de 2004, morreu Felipe Augusto Klein.
O jornalista Renan Antunes de Oliveira escreveu uma matéria para o *"Jornal Já*" - que inclusive lhe rendeu um prêmio – sobre a morte de Felipe, texto este, debruçado em declarados preconceitos e pouco conhecimento sobre as práticas da modificação corporal contemporânea. Disponível em: http://www.jornalja.com.br/2004/12/20/a-tragedia-de-felipe-klein/. Acesso em: 07 Novembro de 2010.

modificação corporal, o Neoarte.net[119], sob o comando de Filipe Berndt. O site trazia galeria de fotos de procedimentos, vídeos e textos de experiências corporais, de forma bastante "fechada". Os procedimentos em sua maioria eram feitos no ou pelo próprio Filipe, quando não amigos próximos dele. Em 2005, em uma matéria da revista *"Super Interessante",* o site foi considerado um dos principais sobre a temática no Brasil, diríamos que era o único no período, e que de 2002 até o mês da publicação daquela edição, maio de 2005, já havia recebido mais de meio milhão de visitas, indicando intenso interesse pelo assunto.

Os anos se passaram e o *website* brasileiro sofreu grandes alterações, deixando de enfocar a modificação corporal como tema central. Por fim, houve a transformação do Neoarte.net em portfólio do então fotógrafo Filipe Berndt, o que criou uma lacuna no campo eletrônico nacional. Havia no *Neoarte* uma grande documentação histórica em fotografias, textos e vídeos que com a mudança se tornaram indisponíveis, o que é lamentável.

Sites sobre tatuagem foram surgindo nesse tempo com diversas abordagens e estéticas, mas somente dentro do campo exclusivo da tatuagem.

Assim, em 2006 surge o FRRRKguys.com[120], galgando novos espaços e ampliando fortemente o cenário nacional da modificação corporal. Se vimos que a modificação corporal foi tendo um aspecto marginal e transgressor no princípio, o site buscou gerar uma corrente de pensamento contrário, inclusive relativizando o belo:

> *"O Frrrk Guys[121] é um projeto que tem como base explorar o universo masculino, fugindo dos padrões estéticos pré-estabelecidos e impostos pela sociedade contemporânea, mostrando que sensualidade não está apenas em músculos e que o "belo" é bem relativo."*

---

[119] Aos poucos o website foi se tornando um portfólio de fotografia de seu autor, sendo hoje, exclusivamente um portfólio digital. As matérias que haviam sobre modificação corporal foram todas deletadas.

[120] Surge inicialmente como uma galeria de fotos de meninos com modificações corporais e aos poucos se transformou em um portal sobre modificação corporal e body art.

[121] *Frrrk Guys*, quer dizer garotos estranhos. A palavra *Frrrk* é uma estilização da palavra *freak*, bastante utilizada no meio pesquisado.

Aparentemente avançamos o nosso recorte temporal, mas se fez necessário evidenciar os reflexos, ciclos e o escoar de manifestações que se deram nas décadas de 80 e 90.

Temos uma hipótese que a mídia específica que se formou na primeira década do ano 2000, indubitavelmente, foi um dos meios para o impacto e força de enraizamento das práticas de modificações corporais na sociedade contemporânea.

Mídia genérica

"Chamar os adeptos da dor de tribo é mais que força de expressão. Eles seguem uma vertente masoquista nascida nos anos 60, quando os hippies foram buscar estilos de vida alternativos no Oriente e na África."[122]

A revista *Época* de 17 de março de 2003 em matéria escrita por João Luiz Vieira chamada "O barato da dor", a qual utilizamos um trecho para introduzir o respectivo capítulo de nosso trabalho, expressou a visão com a qual a mídia tratava a temática na década de 90 e que se arrasta até os dias de hoje. Primeiramente a matéria abordava a perspectiva de que se tratava de uma tribo urbana - que como vimos foi bastante presente nos ano 80 e 90, para definir um grupo homogêneo. No entanto, como procuramos demonstrar em capítulos anteriores, qualquer análise ou pesquisa sobre grupos de pessoas que praticam a modificação corporal na sociedade contemporânea vai apontar para um grupo demasiadamente heterogêneo, sem pertencer necessariamente a uma tribo. O termo tribo na reportagem, com a qual a mídia usualmente trata este grupo, sempre soa com um tom de atavismo, quando não, exageram em um possível descompasso mental. O próprio autor de "*O barato da dor*" utilizou frequentemente o termo "sofredores" para falar dos sujeitos que se modificaram, como exemplificamos abaixo:

"Como a busca do prazer virou padrão hoje, a turma do sofrimento acredita que a dor é a única maneira que restou para afirmar a vida sem sentir igual a todo mundo."

Em toda nossa pesquisa - seja com a parte teórica ou com a parte das entrevistas em campo - não encontramos um apontamento que referencie a "vertente masoquista" citada na matéria de João Luiz Vieira. Chamá-los de "tribos de adeptos da dor" é, por si só, negar de forma bastante leviana - e não reconhecer - toda relevância cultural que tais práticas nos remetem.

[122] VIEIRA, João Luiz. O barato da dor. Revista Época, São Paulo, 17 Março de 2003.

Não entraremos em uma discussão aprofundada sobre a dor, pois não é este o nosso objetivo de pesquisa, porém, não podemos deixar de compreendê-la como algo que está presente na grande maioria de nossas experiências corporais. Para aprender a andar, caímos e sentimos dor; as relações sexuais nos trazem experiências de dor; exercícios físicos nos trazem dores musculares e assim por diante. A dança, o esporte, o trabalho e até hábitos banais do nosso cotidiano nos trazem experiências que envolvem a dor. Se na canção "*The power of goodbye*", Madonna diz que "*pain is a warning that something's wrong*"[123], diríamos que não, mas que na verdade *pain is a warning that you are alive*[124].

Ainda dentro da análise que a matéria da revista *Época* nos traz, vamos ver alguns pontos que se relacionam com a nossa pesquisa. Por exemplo: a matéria de 2003 vai apontar o crescente número de "*jovens de classe média*" adeptos de tais práticas. Como já dissemos, tais práticas quando "ressurgem" na década de 80 e 90 vão acontecer inicialmente dentro de uma camada da classe média brasileira e somente depois, com os movimentos de contracultura e as tribos urbanas é que veremos uma abrangência em todas as camadas sociais.

Para concluir nossa análise sobre a respectiva edição e matéria, citamos a comparação que o autor fez das práticas as quais nosso trabalho buscou pesquisar com programas de violência como *Jackass*[125] e *Backyard Fighting*[126]. O que mais uma vez demonstrou a forma sensacionalista que o jornalista João Luiz Vieira tratou o tema e que vários outros jornais, revistas e programas de

---

[123] "A dor é um aviso de que alguma coisa está errada."

[124] A dor é um sinal de que você está vivo.

[125] "O programa deixa no chinelo similares brasileiros em que há concursos para devorar lesmas e baratas e foi o maior sucesso da história da MTV ao exibir jovens que experimentavam situações dolorosas e humilhantes apenas para 'ver como é'. Seu astro, Johnny Knoxville, levou choques com armas elétricas iguais às usadas pela polícia para imobilizar manifestantes e, vestindo um colete à prova de balas, recebeu um tiro de revólver no peito. Chegou a mergulhar num tanque de esgoto. O seriado, que tinha a clássica advertência de 'não tente fazer isso em casa', saiu do ar por pressão dos pais dos espectadores, depois de produzir quatro internações hospitalares e pelo menos um cadáver, entre garotos que tentaram imitar os protagonistas. Dois atearam fogo ao próprio corpo e tiveram queimaduras de terceiro grau. Um rapaz de 17 anos morreu de traumatismo craniano ao saltar de uma caminhonete em movimento." – In: VIEIRA, João Luiz. O barato da dor. Revista Época, São Paulo, 17 Março de 2003.

[126] Lutas de fundo de quintal inspirada no filme *Clube da Luta*, dirigido por David Fincher, 1999.

TV seguirão na mesma direção. Na entrevista concedida ao site *Lost Art* em 2002, vimos a impressão sobre a mídia de Roberto Medeiros:

"- Como você enxerga a percepção da mídia sobre modificações?
- A maioria das matérias contém inúmeras informações incorretas, do tipo "piercing é perigoso" ou "se você fizer uma tatuagem não irá conseguir emprego". De qualquer forma, a divulgação na mídia ajuda a mostrar que é algo normal, e não se trata de uma tribo, um movimento, ou coisa de artista de circo."[127]

É interessante pensar que foi na década de 90 que tivemos a introdução e a popularização da internet e dos computadores pessoais no Brasil. Isso aponta que os adeptos das modificações corporais, nas décadas de 80 e início de 90 conseguiam obter informações majoritariamente sobre suas práticas através de jornais, revistas e da televisão, que por sua vez, tratava a temática de forma preconceituosa e bastante rasa.

A idéia colocada por Roberto sobre o "*piercing ser perigoso*" não é mera especulação, como nos mostra a matéria "*Com a língua de fora*" da *Revista Folha* de 4 de Outubro de 1998[128]. O artigo apresentou uma discussão sobre os riscos do piercing da língua e houve visões de um médico e de um *body piercer* profissional, Andre Meyer. Assim, o Dr. Otorrinolaringologista Ivan Miziara do *Hospital das Clínica*s afirmou que:

"A língua é um órgão extremamente vascularizado e muito sensível. Além de doer muito, um piercing ali tem altos riscos de perfurar alguma veia ou artéria e causar sangramentos e hematomas"

E ainda adicionou:

"Se a operação for feita com material esterilizado, infecções são raras. O maior risco é uma reação alérgica à anestesia local. Por ser um órgão muito sensível, terá que ser usado um anestésico e pode haver alguma reação."

---

[127] Disponível em: http://www.lost.art.br/rob.htm. Acesso em: 07 Novembro de 2010.

[128] MICHELOTTI, Gabriela Michelotti. Com a língua de fora. Revista Folha, São Paulo, 04 Outubro de 1998.

Ao contrário de outras técnicas "mais invasivas" de alterar o corpo, como já vimos nos capítulos anteriores, o body piercing dispensa o uso de aplicação de anestésico, seja no lóbulo da orelha, na língua ou no clitóris. O *body piercer* convidado pela mesma revista, Andre Meyer, afirmou que a língua "*não é um dos locais mais doloridos, e a anestesia é perigosa*".

As questões de riscos e dor vão ser tratadas também na edição especial da revista *Veja Jovens*, de Setembro de 2001, indicando seis partes do corpo: umbigo, nariz, orelha, mamilo, sobrancelha e língua[129].

Obviamente que não é toda a mídia que irá tratar o tema numa perspectiva negativa. Por exemplo, onde encontramos aparentes "portas abertas" em uma possível discussão da modificação corporal no Brasil, foi na coluna "*Noite Ilustrada*" da jornalista Erika Palomino no jornal *Folha de São Paulo*. Analisamos inúmeras matérias dos anos 1997, 1998 e 1999 e percebemos a circulação de diversos personagens paulistas com suas tatuagens, piercings e formas de se colocar na sociedade e ler o mundo. As matérias reforçam nosso ponto de vista quanto as práticas que inicialmente aconteciam numa classe média brasileira, jovens que podiam viajar mundo afora, consumidores de moda e lazer noturno.

Outro espaço digno de atenção é a revista da *Editora Abril* chamada *Capricho*[130] - que segundo a dissertação de mestrado de Suzana Avelar – em conjunto com as revistas "*Manequim, Claudia e Nova vão constituir "importante documento histórico da moda e da mulher no Brasil*" no século XX. Focando a *Capricho*, que a partir dos anos 80 teve uma linguagem para adolescentes e que nos anos 90 discorreu sobre o comportamental desse público, trouxe algumas matérias bastante interessantes sobre as modificações corporais. Chegando ao momento em que na edição de 21 de Abril de 2002 haverá o

[129] Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/jovens/piercing.html. Acesso em: 07 Novembro de 2010.

[130] A primeira edição data de julho de 1952 e era tinha artigos voltados à mulher. A partir de 1955 se tornam mais presente os editoriais de moda. A partir da década de 80 e de uma campanha denominada "a revista da gatinha" é incorporada uma linguagem mais voltada às adolescentes. E se na década de 50 a moda começa a galgar um espaço na revista é a partir de 82 que haverá a consolidação, com os créditos às produtoras de moda, fotógrafos e das roupas. Já em 1990 a revista focaliza as matérias sobre comportamento para adolescentes. In: AVELAR, Suzana. A comunicação da moda na era da globalização. Dissertação de mestrado pela PUC-SP, 2000.

artigo "*Tatuadores criam desenhos exclusivos para as leitoras da Capricho*". Os motivos eram delicados, com flores e estrelas - para meninas adolescentes - com a advertência que no estado de São Paulo não se tatuam menores nem com autorização dos pais, seguindo a lei Campos Machado que já mencionamos anteriormente. Ainda em 2002, a mesma revista de março traz um "editorial de moda" com uma boneca ostentando vários piercings, citando alguns locais que são possíveis perfurar e tipos de jóias para uso. Detalhe para citação da jóia de "ouro branco com brilhantes", demonstrando a transformação de valores e receptividade do body piercing na sociedade, reafirmada pela matéria da revista *Veja* de 28 de fevereiro 2001:

> *"No umbigo, todas carregam um piercing, adereço que, com o advento da cintura baixa, saltou do circuito alternativo para cair nas vitrines das joalherias. Nada de aço cirúrgico: o piercing de festa leva material nobre, como ouro, pedras e brilhante, tem preço de jóia e é consumido por madames. "Vendo para o mesmo público que compra minhas outras peças, inclusive mulheres com mais de 40 anos", diz a joalheira Carla Amorim, que há seis meses começou a produzir piercings a pedido das clientes."*[131]

Transformação oriunda do final da década de 90, como demonstra o fragmento da mesma matéria:

> *"(...) Seu colega Antonio Bernardo descobriu o filão há três anos, mas só agora viu a coisa deslanchar. Neste ano, dobrou a produção. A rede de joalherias H. Stern só fornece sob encomenda – no ano passado, foram mais de 200, cada um, em ouro e brilhante, ao preço de cerca de 650 reais. Já a margaridinha de topázio e ouro de Carla Amorim custa 460 reais e a bolinha toda de ouro, 220 reais. "É preço de jóia mesmo", diz ela."*

Mesmo que aparentemente a maioria dos artigos que analisamos tenham nos mostrado um tratamento bastante duvidoso em relação à modificação corporal no Brasil, caminhamos de encontro com a fala de Roberto Medeiros, afirmando que "*a divulgação na mídia ajuda a mostrar que é algo*

---

[131] Disponível em: http://veja.abril.com.br/280201/p_062.html. Acesso em: 07 Novembro de 2007.

normal, e não se trata de uma tribo, um movimento, ou coisa de artista de circo."

A revista *Nova Escola*, traz no dia 02 de Julho de 2008, a matéria "Corpo: aberto para reformas", com a proposta de levar para a sala de aula a reflexão sobre "*a relação dos padrões de beleza com os ideais artísticos e sua variação ao longo de momentos históricos distintos*."[132] Se num primeiro momento vimos que as escolas construíram barreiras de impedimento contra essas práticas, aos poucos fomos notando que as barreiras vão se desmontando por não poderem sustentar um discurso preconceituoso, ocidental, panfletário e que vai contra o processo mais natural da vida de qualquer sujeito, a metamorfose física, uma vez que ao longo do processo histórico o corpo humano sempre foi objeto de reflexões: ora estéticas, ora filosóficas

[132] Aula sugerida por Marko Monteiro, antropólogo e pesquisador associado ao Renanosoma/Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) da USP. Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/corpo-aberto-reformas-499966.shtml. Acesso em: 07 Novembro de 2010.

Apropriações culturais e falhas interpretativas

"Nas culturas industriais consumistas, o interesse pelo "selvagem" e "primitivo", pelo modo de vida tribal significa ainda um retorno às origens."

(KEMP, 2005, p. 70.)

Nossa pesquisa apontou que não há uma grande reflexão por parte dos profissionais e entusiastas da body modification acerca da importância histórica das práticas. A modificação corporal acontece, mas ao mesmo tempo não se pensa o corpo como objeto social, político, histórico e cultural. Algumas preposições seriam a de que isso se dá pela demasiada heterogeneidade do grupo, tão logo, uma "desunião"; a falta de material de qualidade que discuta questões pertinentes aos grupos; por fim, a própria assimilação de um discurso dominante que os desqualifica como sujeitos históricos.

Assim sendo, é bastante comum e freqüente as interpretações culturais inadequadas, assim como falhas interpretativas.

O depoimento de minha entrevistada, Priscilla Davanzo, vai de encontro com a idéia de Kênia Kemp no livro "*Corpo modificado, corpo livre?*", de que a apropriação cultural, muitas vezes equivocada é o "*esvaziamento dos símbolos na cultura consumista*" como coloca Kemp. O que é bastante crítico, pois além de se tratar de um "resgate equivocado", viola o que para as sociedades tradicionais é sagrado. Uma boa ilustração sobre as apropriações errôneas dentro do campo da tatuagem, por exemplo, é o uso dos Kanjis[133]. Enquanto teremos uma utilização bastante fidedigna no filme "*The book pillow*[134]" (1996), onde corpos se tornam livros, o que a realidade ocidental tem nos mostrado é o avesso. Na realidade, temos um uso freqüente regado de total desconhecimento do significado ou o emprego equivocado em si.

O mesmo acontece quando tentam justificar ou dar significado ao *body piercing,* onde os textos são constantemente fantasiosos e em sua maioria distantes de qualquer vínculo com as sociedades tradicionais.

---

[133] Grafia oriental que no Brasil também é sinônimo de ideograma.

[134] GREENAWAY, Peter. *The pillow book*. [Filme-vídeo]. França, 1996.

Na passagem abaixo, que está contida no site BMEzine.com, percebemos a apropriação cultural violando um dos rituais dos Nativos Americanos[135]:

"It is important to note that many people, concerned about cultural appropriation feel that calling this suspension an "O-Kee-Pa" rather than just a "vertical chest suspension" is deeply disrespectful to Native Americans, and this name is rarely used any more unless also being used to refer to the full set of ritual and mythos that surrounds the real O-Kee-Pa. A two point vertical chest suspension is no more an "O-Kee-Pa" than drinking a glass of wine at dinner is taking communion."[136] *(grifo nosso)*

David Le Breton aponta que "*Fakir Musafar melindrou os índios mandans*"[137], ao que se inspirou para cunhar o termo "dança do sol" ou o "o kee pa". Estes inclusive conseguiram com que ele deixasse de utilizar o termo, o que afirma a idéia de apropriação cultural inadequada. Como já foi mencionado acima, o BMEzine foi o principal propagador de informação para o público praticante das modificações corporais no mundo e mesmo contendo nele que "uma suspensão vertical pelo peito com dois pontos" não deve ser chamada de "O-kee-pa", por desrespeitar os ritos dos nativos americanos, não é o que acontece na prática. E por que ainda hoje os chamados "modificados" utilizam de forma bastante equivocada um termo que desrespeita algo ao qual eles se dizem "devotos"? Talvez porque muitos dos "praticantes" desconheçam os equívocos e apenas reproduzem termos vazios de significado e de forma bastante rasa. São agentes que sentem – como toda a sociedade contemporânea - o peso do véu do obscurantismo posto sobre estas práticas.

---

[135] Disponível em: http://wiki.bmezine.com/index.php/O-Kee-Pa. Acesso em: 07 Novembro de 2010.

[136] Tradução livre: É importante notar que muitas pessoas preocupadas com apropriação cultural sentem que chamar essa suspensão de "O-Kee-Pa", ao invés de apenas uma "suspensão vertical pelo peito", é profundamente desrespeitoso aos nativos americanos, e este nome é raramente utilizado, ao menos que também seja usado para se referir ao conjunto de rituais e mitos que cercam o O-Kee-Pa real. A suspensão de dois pontos no peito vertical não é mais um "O-Kee-Pa" do que beber um copo de vinho no jantar é comungar.

[137] LE BRETON, David. Adeus ao corpo, p. 38.

"Uma trama de preconceitos obscureceu por muito tempo o conjunto de pesquisas a esse respeito. Dupla falta de conhecimento, a do significado íntimo da marca tegumentar nos meios populares; e duplo desprezo: sentimento de superioridade da civilização "branca", portadora de "progresso" [...]"[138]

Por mais que representem sagrados íntimos, não se deve interferir ou usurpar a representação milenar que o ritual tem em dada sociedade. Retira-la de seu contexto histórico e cultural é intrinsecamente retirar a essência da prática.

Uma outra confusão, que chega a se estabelecer como verdade, é com os termos e conceitos de body art (arte corporal) e body modification (modificação corporal). O respectivo trabalho não tem como proposta elucidar todo o campo da body art visto a complexitude e profundidade do mesmo. Ao mesmo tempo se faz necessário estabelecer distinções entre os termos, uma vez que se tratam de diferentes coisas. A body art é uma coisa e *body modification* outra, não se tratam de lugares comuns. Todavia cabe pontuar, que tais práticas podem caminhar em conjunto, o que não quer dizer que isso ocorra em todas as situações. Existem variações de acordo com os pressupostos envoltos em cada processo: a body art pode acontecer sem estar ligada à modificação do corpo e a modificação corporal não está sempre inclusa em um contexto artístico. O que há de ponto comum entre os dois termos – tão logo distintos "movimentos" – é unicamente o corpo.

Célia Maria Antonacci coloca que a body art é:

"[...] o movimento artístico que despertou no meio dos criadores estéticos contemporâneos – final dos anos 60, década de 70, e ainda hoje – a importância sensível do corpo humano." (RAMOS, 2001, p.117)

O performer e pesquisador brasileiro Renato Cohen[139] dizia que a body art é o movimento em que "*o artista é sujeito e objeto de sua arte (ao invés de*

---

[138] LE BRETON, Op. Cit., p.35.

[139] Renato Cohen (1956-2003). Diretor, performer e teórico. Pesquisador de arte e tecnologia, atuou em São Paulo desde meados dos anos 1980, um dos diretores mais conectados às inovações multimídias e performáticas. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br. Acesso em: 07 Novembro de 2010.

pintar, de esculpir algo, ele mesmo se coloca enquanto escultura viva)."[140] Dentro desta perspectiva o artista se tornaria um *performer* e segundo Cohen a performance advém de artistas plásticos menos que de artista cênicos.

A origem da body art está fortemente ligada ao *happening*[141] e a *performance*[142] e seu surgimento está atribuída aos artistas vienenses.

As nossas pesquisas e entrevistas apontaram que para os artistas da body art, ambos os conceitos estão bem delineados e claros. O que já não acontece nas pesquisas com profissionais e entusiastas da *body modification*, para estes, body art e *body modification* querem dizer a mesma coisa e inclusive, afirmam que seus processos e experiências corpóreas estão dentro do contexto da body art.

Nossa entrevistada a artista plástica Priscilla Davanzo é um caso bastante esclarecedor sobre a discussão. Um dos seus trabalhos intitulado "*As vacas comem duas vezes a mesma comida*" (2000), a artista tatuou manchas de vaca em diversas partes do seu próprio corpo.

> *"O trabalho consiste na decoração do corpo, com o objetivo de representar de forma estilizada manchas de vaca, e está sendo realizado por meio de tatuagem."*[143]

A obra discute as relações humanas nas suas mais variadas possibilidades, colocando em questão a insatisfação com a própria espécie. Em uma sociedade onde as relações são efêmeras, a artista utiliza seu corpo para questionar inclusive a permanência das coisas:

---

[140] COHEN, Renato. Performance como linguagem. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004, p. 30.

[141] Uma das formas de expressão das artes visuais, conta com a imprevisibilidade e com a participação do público espectador.

[142] Assim como happening, é uma das expressões das artes visuais, podendo combinar teatro, música, poesia e vídeo. Em geral segue um "roteiro" pré definido, podendo ser reproduzida, mas normalmente não sendo. As performances ligadas à body art são de extrema sensibilidade e alguns dos trabalhos mais intensos foram realizados durante o pós guerra.

[143] Disponível em: http://www.vaca.s5.com/. Acesso em: 07 Novembro de 2010.

"As pessoas se assustam com o permanente porque ninguém quer assumir compromissos, se eu me pintasse, seria vaca por um dia. Estou me propondo a ser vaca para sempre." [144]

Com a citação do trabalho da Priscilla queremos evidenciar que todo trabalho de body art exige uma estruturação que engloba pesquisa, análise e conceito. Como a própria artista pontua que poderia ter utilizado a pintura para expressar a questão da vaca, mas a técnica não sustentaria o pressuposto de "assumir compromisso" e ser indelével. Na body art, Breton afirma que "*o corpo é o lugar onde o mundo é questionado*". Assim sendo é correto afirmar que a body art, acontece inclusive sem a body modification. O que colabora em nossa afirmação como itens distintos.

A apropriação do termo "body art" para designar as marcas corporais nos leva pensar no caráter de auto-afirmação da prática. Como se assumindo o discurso "isto é arte" fosse uma forma de validar algo que vem sendo secularmente subjugado socialmente. As revistas de tatuagem e panfletos que consultamos vão reafirmar a confusão e constantemente vão citar sobre as situações da "arte corporal" no Brasil. Segundo a dissertação de mestrado "*Além da pele – um olhar antropológico sobre a body modification*" de Camilo Albuquerque de Braz da Unicamp, a modificação corporal começou a s*er praticada no final da década e nasce desse movimento estético, que utiliza o corpo como suporte da arte*."[145]

Nem toda modificação corporal pode ser compreendida como arte, pois se assim o fosse, significaria compreender o *body building*, a maquiagem, a cirurgia plástica e até mesmo o simples fato de cortar o cabelo como arte. Cada qual tem sua relevância e não ser considerado como arte, não deixa de ter valor como fenômeno social bastante peculiar da história humana.

O recorte temporal de Camilo vai de encontro com o de nossa pesquisa, mas questionamos o "nascimento" dessas práticas através de um "movimento estético" e principalmente de que utiliza o corpo como arte. Como vimos as

---

[144] Disponível em: http://www.gasolinafilmes.com.br/projeto/depoimento01.htm. Acesso em: 07 Novembro de 2010.

[145] BRAZ, Camilo Albuquerque de. Além da Pele – Um Olhar Antropológico Sobre a Body Modification em São Paulo. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2006, P. 22.

práticas da modificação do corpo aconteceram nos anos 80 e 90 com maior força e oriundas de diversas correntes: música, cinema, moda, contra cultura, mídia e etc. Não necessária e obrigatoriamente da arte. De acordo com David Le Breton:

> *"O sucesso das marcas corporais cresce associado à idéia implícita de que o corpo é um objeto maleável [...] Elas escapam dos lugares marginais do sadomasoquismo, do fetichismo, do punk, absorvidas por aquilo que se convencionou chamar as "tribos urbanas" (punk, hard rock, Techno, grunge, bikers, gays etc), e propagam-se para o conjunto da sociedade por intermédio da alta-costura, principalmente por manequins de Gautier, com uma predileção pelas gerações jovens que crescem no ambiente intelectual de um corpo inacabado e imperfeito, cuja forma o indivíduo deve completar com seu próprio estilo"*
>
> (LE BRETON, Op. Cit., p. 36.)

Concluindo, cabe demarcar de forma bastante pontual é que a modificação corporal não necessariamente é uma manifestação artística. O que não a desqualifica como prática cultural e social e tão pouco retira sua legitimidade simbólica.

Considerações finais

"Todas as coisas, todos os seres, estão fixados de antemão... menos o homem"

Fernando Savater

No texto de Horace Miner, "*Ritos Corporais entre os Nacirema*", o autor traça de forma bastante singular – satirizando os norte-americanos – as relações ritualísticas corporais desse fictício "povo" Nacirema. Hábitos do cotidiano – a forma que nos relacionamos com estas e que hoje são consideradas normais, como escovar os dentes, ir aos hospitais, necessidades fisiológicas, etc - ganham um leitura de estranhamento diante do olhar antropológico. Horace conclui que mesmo "costumes tão exóticos" embasados na crença da magia dos nacirema, "ganham seu real significado" dentro da lógica do antropólogo Bronislaw Kasper Malinowski:

> *"Olhando de longe e de cima de nossos altos postos de segurança na civilização desenvolvida, é fácil perceber toda a crueza e irrelevância da magia. Mas sem seu poder e orientação, o homem primitivo não poderia ter dominado, como o fez, suas dificuldades práticas, nem poderia o homem ter avançado aos estádios mais altos da civilização."*

As formas com que cada sociedade na história se relaciona com os seus corpos são formas íntimas e sagradas e que colaboraram com todo o processo de evolução da sociedade. Pensando as modificações corporais, o que nossa pesquisa aponta é que são legados de outros tempos que nunca deixaram de coexistir com toda a frenética corrida ao "progresso". São elos de tempo, dentro de nossa própria vaidosa temporalidade.

Piercing, tatuagem, escarificação, implante, entre outras técnicas de alteração do corpo, nada mais são que maneiras legítimas que os seres humanos encontraram para expressarem sua individualidade, se colocarem em contato com o *self*, se relacionarem com o sagrado e por fim, com o belo.

Um cachorro sempre será um cachorro, uma árvore sempre uma árvore, enquanto que o ser humano pode ser aquilo que bem entender, onde e quando

quiser. Eis uma dádiva a ser celebrada e não mais silenciada, subjugada e negada, diante de um olhar da supremacia da sociedade ocidental moderna.

O corpo é ele próprio um processo.

Referências

Fontes

DAVANZO, P. depoimento [17 de Agosto de 2010]. São Paulo: Entrevista concedida a Thiago Ricardo Soares.

GNOMO, R. depoimento [29 de Junho de 2010]. São Paulo: Entrevista concedida a Thiago Ricardo Soares.

IRITSU, L. depoimento [18 de Junho de 2010]. São Paulo: Entrevista concedida a Thiago Ricardo Soares.

KAKAUA, M. depoimento [02 de Junho de 2010]. São Paulo: Entrevista concedida a Thiago Ricardo Soares.

SAMPAIO, R. depoimento [26 de Agosto de 2010]. São Paulo: Entrevista concedida a Thiago Ricardo Soares.

Bibliografia

ARAUJO, Leusa. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2005.

AVELAR, Suzana. **A comunicação da moda na era da globalização.** Dissertação de mestrado. PUC-SP, 2000.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Além da Pele – Um Olhar Antropológico Sobre a Body Modification em São Paulo**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2006

BARTHES, Roland. **Michelet**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

BERTHERAT, Thérèse; BERNSTEIN, Carol. **O corpo tem suas razões**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

CALLIGARIS, Contardo. **Crônicas do individualismo cotidiano**. São Paulo: Editora Atica, 1996.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A Carta**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.

DEMELLO, Margo. **Encyclopedia of body adormment**. United States of America: Greenwood Press, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2009

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

HOBSBAWM, Eric. **A era do capital**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

_____. **Era dos extremos:** O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KEMP, Kênia. **Corpo modificado, corpo livre?.** São Paulo: Paulus, 2005.

LARRAT, Shannon. **Modcon: The secret world of extreme body modification**. Canada: BMEbooks, 2002.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. São Paulo: Papirus, 2003.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma História do corpo na idade média**. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MANUAL DE NORMAS DE VACINAÇÃO, 3. ED. Brasília: Ministério da Saúde: Fundação Nacional de Saúde, 2001.

OHNO, Maria Cecília. **A arte no *corpo*.** Campinas: Dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Artes na Universidade de Campinas, Campinas, 2007.

PAIN, Maria Cristina Chimelo; STREY, Marlene Neves. **Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade**. *Revista Digital de Educación Física y Deportes* - Buenos Aires - Año 10 - N° 79 - Diciembre de 2004.

PIRES, Beatriz Ferreira. **Corpos Transpassados: Silhuetas Contemporâneas.** São Paulo: Opus Corpus, 2004.

_____. **Corpo inciso, vazado, transmudado: inscrições e temporalidades**. São Paulo: Editora Annablume, 2009.

_____. **O corpo como suporte da arte**. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

_____. **Peles Fílmicas - Considerações sobre Modificações Corporais e Cinema**. Pro-Posições (Unicamp), v. 17, p. 159-174, 2006.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Teorias da Tatuagem**. Santa Catarina: Udesc Editora, 2001.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ROCHA, Vinicius **Guterres da. Bio-Segurança em Tatuagem**. Porto Alegre: Editora Vinicius Guterres, 2007.

RODRIGUES, Apoenan. **Tatuagem, dor, prazer e muita vaidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome / Editora Mostarda, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem, ensaios sobre a subjetividade contemporânea**, São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2001.

_____. **Políticas do Corpo, Elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI, no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SPRAGUE, Erik. **Once More Through the Modified Looking Glass.** United States of America: The Lizardman Press, 2010.

STELARC. **From Psycho to Cyber Strategies: Prosthetics, Robotics and Remote Existence, Cultural Values**. October, vol. 1, no. 2, pp. 241-249, 1997.

WILSON, Elizabeth. **Enfeitada de sonhos, moda e modernidade**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

Vídeos

ÅKERLUND, Jonas. *Horsemen*. [Filme-vídeo]. Canadá, 2009.

BROWNING, Tod. *Freaks*. [Filme-vídeo]. EUA, 1932.

FINCHER, David. *Clube da luta*. [Filme-vídeo]. EUA, 1999.

GARY, Jason; JACOBSON, Greg. *Modify*. [Filme-vídeo]. EUA, 2005.

GREENAWAY, Peter. *The pillow book*. [Filme-vídeo]. França, 1996.

HAYWOOD-CARTER, Annette. *Foxfire*. [Filme-vídeo]. EUA, 1996.

JURY, Dan; JURY, Mark. *Dances Sacred and Profane*. [Filme-vídeo]. EUA, 1987.

LYNCH, David. *The Elephant Man*. [Filme-vídeo]. EUA, 1980.

NOLAN, Christopher. *Memento*. [Filme-vídeo]. EUA, 2000.

PEREIRA, Luís Alberto. *Hans Staden*. [Filme-vídeo]. Portugal, 1999.

PIEPLOW, John. *Strangeland*. [Filme-vídeo]. EUA, 1998.

SINGH, Tarsem. *The Cell*. [Filme-vídeo]. EUA, 2000.

SILVERMAN, Larry. *Flesh and Blood*. [Filme-vídeo]. EUA, 2007.

SILVERSTEIN, Elliot. *A man called horse*. [Filme-vídeo]. EUA, 1970.

Websites

Body Modification Ezine. Disponível em:. <www.bmezine.com>. Acesso em: 23 Setembro de 2010.

Frrrk Guys. Disponível em:. <www.frrrkguys.com>. Acesso em: Acesso em: 23 Setembro de 2010.

Lost Art. Disponível em:. <http://www.lost.art.br>. Acesso em: 23 Setembro de 2010.

Lukas Zpira. Disponível em:. <http://hackingthefuture.blogspot.com>. Acesso em: Acesso em: 23 Setembro de 2010.

Neo Arte. Disponível em:. <http://www.neoarte.net>. Acesso em: Acesso em: 23 Setembro de 2010.

Piel Magazine. Disponível em:. <www.pielmag.com>. Acesso em: 23 Setembro de 2010.

Shannon Larrat. Disponível em:. <http://www.zentastic.com/>. Acesso em: 23 Setembro de 2010.

Steve Haworth. Disponível em:. <www.stevehaworth.com>. Acesso em: 23 Setembro de 2010.

The Lizardman. Disponível em:. < http://www.thelizardman.com/>. Acesso em: 23 Setembro de 2010.

.